ANO 14.º LISBOA — SEXTA-FEIRA, 22 DE MARÇO DE 1935 N.º 4432

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE C.

Diario de Lisbôa
11—Avença—Of.
Biblioteca Municipal Central de
LISBOA
62437
DEPOSITO LEGAL 23.MAR.35 LISBOA

O COMANDANTE Esparteiro, professor de Balistica na Escola Naval e chefe da missão naval portuguesa em Inglaterra, recebeu do comandante Lawrence, uma das grandes celebridades da marinha de guerra inglesa, a seguinte carta, a proposito da morte do 2.º tenente Manso Lefévre:

Dear Commander Esparteiro,

I was deeply distressed and shocked to hear only to-day, of the sudden death of Lieut: Manso Lefévre.

Those of us here who knew him were filled with admiration for his thorough knowledge of his job, and the able way in which he carried out his duties, and I am afraid he will be a severe loss to you on the Commission, and to the Portuguese Navy.

Apart from such aspects however, I feel that the death of this charming and brilliant young man will be a great persona lgrief to you, and no doubt to many others in your own country, and I send you my very sincere condolences.

Believe me, I am, Sir, Yours sincerely.—*G. S. Lawrence.*

Publicamos a seguir a tradução deste documento altamente honroso para a memoria do malogrado oficial de Marinha:

«Fiquei profundamente desgostoso e impressionado ao saber, hoje sómente da morte subita do tenente Manso Lefévre.

Aqueles que o conheciam, sentiamo-nos cheios de admiração pelo perfeito conhecimento que ele tinha da sua profissão e pela capacidade com que executava o seu serviço, e receio bem que este acontecimento seja uma perda severa para vós, na Comissão, e para a Marinha Portuguesa.

Além destes pontos de vista, creio tambem que a morte desse encantador e brilhante jovem deve ser para nós, e certamente para muitos, no vosso país, uma grande dôr pessoal, e por isso vos envio as minhas mais sinceras condolencias. — Creia-me, sr., sinceramente vosso — *G. S. Lawrence.*

* * *

REAPARECEU a palavra «patria» no vocabulario oficial dos Sovietes.

O caso não pode causar grande estranheza a quem venha seguindo a evolução russa, desde que os respectivos dirigentes, irradiando Trotsky, condenaram duma forma clara o principio da revolução universal.

A «Pravda», por exemplo, escreve que em caso de guerra os patriotas sovieticos pegarão em armas, dando provas dum heroismo sem precedentes nas paginas da historia nacional.

Mesmo entrando em linha de conta com o significado estranho que envolve a apresentação dum exercito nacionalista ao serviço duma internacional, o que se está passando no Oriente é de molde a fazer pensar todos aqueles que procuram encontrar numa nova luta solução para as suas dificuldades.

USURA

O *Diario de Noticias* chamou, no «fundo» desta manhã, a curiosidade dos seus leitores para uma lepra disfarçada e subtil que vai corroendo, a pouco e pouco, a economia do país, como certos roedores que se metem nas casas abandonadas e misteriosamente destazem os madeiramentos, apressando lhes a ruina.

Mais duma vez o nosso jornal se ocupou do insaciado flagelo cujo nome — a usura, de tão sórdida e viscosa actividade, indica que se consagra ao desgaste continuo dos desgraçados que lhe caem nas mãos, sugando lhes o sangue, como os lendarios vampiros ás suas vitimas.

Dentro de Lisboa, em escritorios miseraveis onde se penetra com o terror do desconhecido e a certeza da fatal exploração, aninham-se uns sujeitos, geralmente com oculos pretos encavalgados em narizes frigidos e patibulares, desprovidos da mais leve parcela de senso moral, que se votam á tarefa degradante e anti-humana de colherem com as unhas sujas e recurvas os naufragos das derradeiras tempestades em que a infelicidade e a miseria liquidam as palidas esperanças das familias que se desmantelam.

Ha casas onde a sombra do usurario sem entranhas anda agarrada aos pobres moveis desiludidos, ao desquarnecido guarda-roupa, á ultima joia herdada de remotos avós, ao ordenado do empregado publico e até ao salario agonico do operario. Em periodos como este que atravessamos, molhado de lagrimas e sacudido por soluços tão amargos, o agiota cresce, medra rapidamente, mostrando-se infatigavel nas artes crueis de encher o bornal.

Que lhe importa a ele que os orfãos, as viuvas, os pais aflitos, os velhos desamparados, os trabalhadores perseguidos pela desventura e os proprietarios torturados pelo azar não tenham pão para comer, roupa para se vestir nem casa para se abrigar?

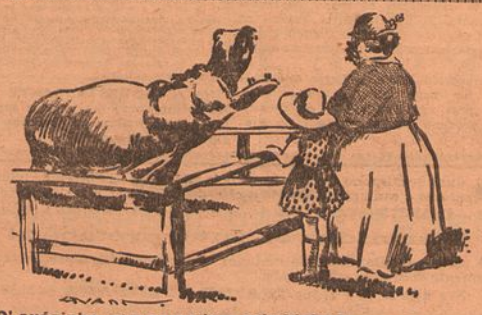
Por essa provincia fóra, a sua influencia é peor que a das estiagens prolongadas que reduzem os campos a verdadeiros desertos. A necessidade sujeita-se a tudo, principalmente na hora desolada em que a adversidade entra nos lares com as doenças, as letras a pagar, os negocios catastroficos, as colheitas perdidas e as mudanças rapidas e flagrantes da fortuna.

Para quem apelar? Onde existe o credito, tão elogiado nos tratados de economia, mas tão recusado nos balcões cautelosos da finança?

Como o triste que deita a mão á tabôa que se balouça nas vagas enturecidas, encaminha-se para a caverna do agiota aquele que vai expiar, sob penas internais, a tantas vezes inconsiderada confiança com que lhe roga, consternado:

— Salve-me, por piedade!

Nunca mais terá socego nem alegria nem somno reparador. A sua existencia ficará presa no laço que lhe ataram ao pescoço.



— O' avózinha, que nome tem este bicho?
— Eu sei lá que nome se possa chamar a um animal tão feio!

RECEBEMOS a seguinte carta que merece uns minutos de atenção da parte de quem puder resolver tão momentoso assunto:

«*Sr. Director:*—O negocio mais importante nesta vida, e do qual os homens tanto discuram, é o da salvação da sua alma.

Tudo o mais, quaisquer empresas, a satisfação de ambições, gloria ou derrotas, crise ou abundancia, fortuna ou ruina, as proprias guerras dos principes, nada valem em comparação com aquela questão magna.

Porém, colocados neste vale de lagrimas, somos obrigados a lutar para realização das nossas necessidades que a civilização cada vez torna mais numerosas. Não são necessidades essenciais, mas, sem elas não sabemos viver e delas não sabemos prescindir. São produto dessa civilização, inerentes á vida em sociedade.

Não dispensamos o conforto, os pequenos vicios como o da mesa e o do tabaco, as comodidades como o telefone e o automovel, os prazeres intelectuais, a leitura do jornal diario. São negocios que, por espirito de caridade, os dirigentes não podem descurar.

Sendo assim, como é possivel que os governantes se mostrem indiferentes a que não haja pão fresco aos domingos? Mesmo que a causa desse facto resida em teorias de regulamentação do trabalho, assistencia e previdencia não me parece que, respeitado o horario do trabalho, a crise do desemprego deminuiria chamando os manipuladores do pão, sem ocupação, a trabalharem na hora em que os colegas, empregados, são obrigados a descansar?

Barão de S. Maduro

* * *

O «BOLETIM Comercial» do nosso Ministerio dos Estrangeiros transcreve de «L'Economie Internationale» um artigo do sr. J. Edstrom presidente da Comissão de Telefonia Internacional, relativo aos «Dez anos de progressos continuos» na telefonia da Europa.

Portugal, que em 1925 não aparecia no mapa, já aparece com movimento apreciavel em 1933.

As demoras das chamadas foram muito reduzidas, na media. «Os erros foram reduzidos a tal ponto que as chamadas internacionais podem ser feitas mais rapidamente e com mais segurança do que as chamadas nacionais ou locais»—diz o prof. Edstrom. E acrescenta:

«Os quadros não mostram sómente as ligações estabelecidas em 1924-1925 e em 1933 entre as principais cidades europeias, mas, ao mesmo tempo, a demora média para as comunicações ordinárias, estabelecidas por circuitos directos, durante o periodo de mais actividade do dia, em 1925, e no ultimo trimestre de 1933. Há dez anos, a demora média na Europa não andava longe de quarenta e cinco a sessenta minutos. Foi reduzida, e para distancias muito maiores, a cêrca de dez minutos».

No quadro respectivo aparece a média das legações entre Lisboa e Madrid estabelecidas em 12 minutos.

A este numero do "Diario de Lisboa" corresponde um suplemento literario de oito páginas

TEATROS E CINEMAS

O ilustre escritor brasileiro Joracy Camargo, autor da deliciosa comédia Deus lhe pague, *em cena no teatro do Gimnasio, que hoje realiza a sua festa de autor, para o qual se preparam diversas atracções. O actor Procopio Ferreira, maravilhoso interprete da obra de Joracy Camargo, dirá versos brasileiros dos mais afamados poetas e os amigos de Joracy preparam-lhe uma afectuosa manifestação de simpatia, inteiramente merecida pelas suas brilhantes qualidades de espirito e pela estima que consagra ao nosso país.*

Amanhã, no Avenida "As Pupilas do Sr. Reitor"

Definitivamente, é amanhã, que, em duas sessões, o publico vai ter ensejo de admirar, no Avenida, posta dignamente no teatro, «As Pupilas do sr. Reitor», peça extraida do celebre romance de Julio Deniz, cujas paginas mais belas serão vistas perpassar no palco, com as suas figuras vivendo-as palpitantemente, em dois actos e seis quadros, aos quais não faltarão realidade, beleza, cenas de intensa vibração e até alguns trechos de linda musica, originais do maestro Antonio Melo, tais como «As lavadeiras» e «A canção da cabreira», por Iréne Izidro e «A Desfolhada», no quadro do mesmo titulo, por Alfredo Pereira, acompanhados por 20 coristas de ambos os sexos. «As Pupilas do sr. Reitor», com encenação de José Alves da Cunha, o grande artista que vai interpretar o papel de «O sr. Reitor», rigorosamente posta em cena com cenarios novos de Viegas, Luiz Salvador e Reinaldo Martins, tem a seguinte distribuição:

O Reitor, Alves da Cunha; *João Semana*, Vasco Santana; *Clarinha*, Iréne Izidro; *Margarida*, Leonor de Eça; *João da Esquina*, Alberto Ghira; *José das Dornas*, Joaquim de Oliveira; *Venancio*, Barroso Lopes; *Daniel*, Luiz Filipe; *Pedro*, Luiz Campos; *Josefa*, Amelia Pereira; *Joana*, Filomena Lima; *Rita*, Berta de Bivar; *Vicencia*, Evangelina Bastos; *Maria*, Deborah de Oliveira; *Taberneiro*, Seixas Pereira; *Tonio*, Alfredo Pereira; *Sacristão*, Carlos Baptista, e *Joaquim*, Vitor Cruz, *com um grupo de mais de quarenta figuras entre coristas, figurantes e comparsas.*

"O Arroz Doce", amanhã, no Variedades

A celebre comedia, em 3 actos, «O Arroz Dôce», que amanhã, em duas sessões, se representa pela primeira vez no Variedades, com o grande actor Nascimento Fernandes no protagonista, tem a seguinte distribuição:

Floriva, Maria Sampaio; *Nina*, Josefina Silva; *Anita*, Filomena Casado; *Angelica*, Dina Tereza; *Leocadia*, Elvira Velez; *Maria*, Maria Côrte Real; *Aurora*, Maria Miranda; *Dinah*, Natalia Costa; *Paulino Dias*, professor de guitarra, por alcunha *O Arroz Dôce*; *Pablo Hernandez*, Erico Braga; *Izidoro*, Antonio Silva; *Temudo*, Artur Rodrigues; *Maldonado*, Reginaldo Duarte; *Baptista*, João Calazans; *Dickens*, Casimiro Rodrigues, e *Um sujeito*, Mario Fernandes.

O Dia dos Artistas no Coliseu

Ha um grande movimento de simpatia, por parte do publico, pelo «Dia dos Artistas» que se realiza, no proximo domingo, no Coliseu, a majestosa casa de espectaculos que foi cedida gratuitamente, pela empresa, aos artistas que trabalharam na deslumbrante fantasia «O Fim do Mundo», o maior triunfo dos nossos palcos, e que a vão representar nesse dia em «matinée» e á noite, com elementos novos de atracção que, por especial deferencia, tomam parte nos espectaculos que constituem essa brilhantissima festa que pela primeira vez se realiza em Portugal e cujo produto é totalmente destinado aos referidos artistas.

Atrás do reposteiro

A companhia Rafael Marques termina os seus espectaculos no proximo domingo, indo realizar, no Carlos Alberto, do Porto, uma pequena temporada com a revista «Zé dos Pacatos», que tambem será representada em Coimbra e Braga.

—No Sá da Bandeira, do Porto, com a peça «Novos e velhos», faz hoje a sua estreia a companhia Maria Matos, que leva no seu repertorio dez comédias de grande sucesso em Lisboa.

—A noiva do actor Procopio Ferreira é neta do general D. Carlos de Mascarenhas, que foi governador geral da India. Vai ser padrinho do ilustre artista o sr. embaixador do Brasil e os noivos vão passar a lua de mel em Paris, donde seguirão para o Rio de Janeiro.

—Todo o guarda-roupa que vestirá a revista «Peixe Espada», destinada ao Variedades, para a Pascoa, vai ser confeccionado sob a direcção de «vedeta» Eva Stachino, que está já organizando a sua nova companhia.

—Margarida Martinó e Armando Machado são os «compéres» da grandiosa fantasia «A'vante, Portugal!», cujos ensaios de apuro se estão realizando no Coliseu e cuja estreia está marcada para a proxima quinta-feira, 28.

—O cenografo Joaquim Viegas está concluindo um pano talão, muito artistico, para a peça «As Pupilas do sr. Reitor», que no proximo sabado se estreia no Avenida.

—Bastante melhor da pertinaz doença que o afastou do teatro, o actor José David deve, brevemente, participar do elenco de uma companhia popular de revista.

—Com o cenografo Baltazar Rodrigues colaborará nos efeitos de luz a aplicar nos cenarios que está pintando para a revista «Bola de Neve», no Trindade, um distinto engenheiro-electricista ligado por parentesco a uma categoria da figura do nosso teatro.

—Amanhã e domingo ainda se representam no Nacional, a opera-comica «O Solar dos Barrigas» e a revista «Ondas curtas». Esta noite não ha espectaculo com este programa, por se efectuar a recita anual da colonia inglesa.

No "Central Cinema"

Uma magnífica obra do celebre filme, de J. Duvivier, *David Golder*, que o «Central Cinema» estreia na segunda-feira, com Jackie Monnier e o genial Harry Baur na acidentada vida dum homem que só pensa em ganhar dinheiro para satisfazer as necessidades duma esposa perdulária e duma filha habituada ao luxo

Actualidades

Bazil Dean, o grande produtor inglês acaba de anunciar um formidavel programa de novos filmes que serão produzidos nos estudios da Associated Talking Pictures.

As despesas necessarias para a realização deste programa elevam-se a mais de 150 mil contos, na nossa moeda.

—O Condes costuma estrear os seus programas ás terças-feias. Porém, como os pedidos foram muitos prolongaram por mais três dias «Cavalheiros de Industria», estreando, hoje o novo programa «O Corcunda», com Vidalin, Josseline Gail e Jim Géald nos protagonistas.

—«As Pupilas do sr. Reitor», já se não estreia na proxima segunda-feira, no Tivoli. Ao que consta, ficou transferida para sexta-feira da mesma semana ou para o dia primeiro de abril.

CAFÉ LUSO

Hoje cantam os apreciados artistas Madalena de Melo e Jacinto Pereira. Madalena de Melo cantará a sua linda canção de Aveiro. Jaime dos Santos, tocará uma das suas variações, acompanhado do seu viola Miguel Ramos e este executará um solo de viola. Estes distintos artistas são privativos do Café Luso.

O respeito e a boa ordem que se nota neste Café, é a maxima garantia da grande frequencia que se regista todos os dias. No Café Luso, cantam todos os bons artistas. Não ha espectaculo mais barato em Lisboa: os intervalos são apenas de 10 minutos. Sempre renovação de ar, por aparelhagem propria.

No CAFÉ-RESTAURANTE «CHIC» ha os melhores mariscos e cerveja, como a que melhor se tira nos estabelecimentos congeneres

O qualificadissimo orfeão espanhol **"CORAL ZAMORA"**, composto de 5 cantores e cantoras, [illegible] do eminente maestro Haedo dará **3 — CONCERTOS — 3** de musica classica, religiosa e popular

Formidavel interpretação!

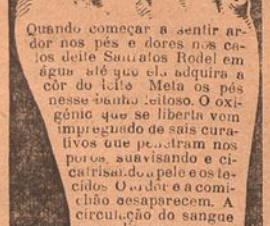
A mais perfeita imitação de todos os instrumentos musicais realizada unicamente com as cordas vocais.

Nos dias 25, 26 e 27, no **TEATRO POLITEAMA** ás 21,30

Estes concertos não serão irradiados

Bilhetes á venda no Teatro e no Centro Espanhol—Rua Nova da Trindade, 96

CALOS



Quando começar a sentir ardor nos pés e dores nos calos deite Salratos Rodel em água até que ela adquira a côr do leite. Meta os pés nesse banho leitoso. O oxigénio que se liberta vem impregnado de sais curativos que penetram nos poros, suavisando e cicatrisando a pele e os tecidos. O ardor e a comichão desaparecem. A circulação do sangue normalisa-se por completo. Os calos amaciam a tal ponto que até se tiram pela raiz. Depois, pode-se mesmo usar um calçado mais justo. Os Salratos Rodel vendem-se com a nossa garantia nas farmácias e drogarias. O preço é insignificante.

Fabricado no Laboratório Franco-Portuguez, 67, Rua Dr. Alvaro de Castro — LISBOA — Vendas por grosso: Jules Delegani, Lda., Rua da Assunção, 88 — LISBOA.

PROGRAMAS DE HOJE

S. LUIZ — TELEF. 2 7 7 2 — 2. semana — **VIVA VILLA!** — A's 21 e 30 — com Wallace Beery

CENTRAL — Telef. 2 4 3 8 1 — **O Corcunda** — A's 21 e 30 — com Vidalin, Josseline Gael, Jim Géraldi.

CONDES — T. LEF. 2 2 5 3 — **Cavalheiros de industria** — A's 21 e 30 — com Raimu e Lucien Baroux

ODEON — Telef. 2 6 8 3 — **O Favorito da Rainha** (The Dictator) — A's 21 e 15

PALACIO — com Olive Brook e Madeleine Carroi — A's 21 e 30 — Telef. 4 7 1 8 [illegible]

POLITEAMA — Telef. 2 6 3 0 5 — **Uma valsa para ti** — com Camilla Horn e o tenor Louis Graveure — A's 21 e 30

PARIS — Tel. 2 8 7 7 7 — Soirée ás 8 e 45 — **Tarzan e a Companheira** — O amante improvisado — Matinées [illegible] e dom. [illegible] h.

CAPITOLIO — **A noite num grande amor** — **Levada á força** — Bilhetes a 1$60

TERRASSE — Matinée Hungara — Pamplinas, rapazinho amoroso — Às 21 e 15 — Telef. 20917

LYS — Telef. 4 8560 — **Vamos para Hollywood** — **Ben-Hur** — ás 21 e 15

EUROPA — ás 21 — TEL. P. 4 6961 — **O judeu Suss** — **O secretario da madame**

JARDIM CINEMA — ás 20 e 45 — Domingo, a tarde e a noite: **A Princesa das Czardas** — **Oiro maldito**

ROYAL — ás 21 e 15 — Telef. 4 5037 — **Severa** — **Rosario Quebrado**

RUTHER.—Preparado segundo bases cientificas e após longos anos de trabalho de laboratorio, o **Renovador RUTHER** destina-se a dar ao cabelo a beleza, a **Côr** e a **Vitalidade perdidas.**

A' venda na **Drogaria de Costa & Conde, 175.**—Rua da Prata, 177.

Teatro Nacional

AMANHÃ ultimas

da obra-comica

"O Solar dos Barrigas"

e da revista

"Ondas curtas"

Hoje Amanhã e Domingo

ULTIMAS

no **APOLO**

da triunfante revista do dia

Zé dos Pacatos

Ultima matinée no Domingo

GIMNASIO — Hoje — A's 9 [illegible] — Telefone 2 8 8 0 1

Recita do ilustre autor [illegible]

JORACY CAMARGO

15.ª representação da peça social em 3 actos

DEUS LHE PAGUE

Formidavel interpretação do grande actor PROCOPIO FERREIRA

«Fim de festa» com um acto inédito de Procopio Ferreira

AMANHÃ — «Deus lhe pague».

DOMINGO — «Matinée» ás 15.30

MUSICA

"Coral Zamora"

Estreia-se na proxima segunda-feira, ás 21 e 30, no Politeama, o admiravel orfeão espanhol «Coral Zamora», dirigido pelo ilustre maestro Haedo, que dará três concertos de musica classica, religiosa e popular.

O maestro Haedo

Nunca nenhum agrupamento conseguiu como este, só com as gargantas, imitar perfeitamente todos os instrumentos musicais.

Ha bilhetes á venda no Politeama e no Centro Espanhol, na rua Nova da Trindade, 96.

Recital Anita Patricio

Tudo se conjuga para que a tarde de domingo, 31 do corrente, no teatro Nacional, seja o ponto de reunião da nossa melhor sociedade. A nossa distinta declamadora Anita Patricio terá ensejo de patentear uma vez mais, ante os seus muitos admiradores, a sua arte cheia de beleza e de emoção.

O baile do Radio Club Português

Para transporte das pessoas que assistirem ao baile do Radio Club Português, que se realiza amanhã a Sociedade Estoril, estabeleceu um comboio especial que sairá da estação de Parede ás 4 e 30 de domingo, com paragem em todas as estações até Algés, e na de Santos.

Sociedade do Gazofilacio

Realiza-se hoje, pelas 21 horas, no templo da igreja Evangelica Presbiteriana, rua de S. Bento, 636, a terceira sessão festiva do «Mês do Gazofilacio», que constará duma conferencia pelo sr. dr. Joaquim Figueiredo e de alguns numeros musicais pelas sr.as D. Maria Emilia Lucas e D. Laura Moreton.

Um menor atropelado

O menor de 12 anos, Wagner da Silva Curado, pastor, residente em Moita do Ribatejo, foi atropelado por uma camionete, perto daquela vila. Recolheu á sala de observações do Ihospital de S. José, em estado grave.

Uma festa no Vendedores de Jornais

Realiza-se, amanhã, na séde do Vendedores de Jornais P. C., uma interessante festa, havendo um concurso de cégadas para disputa de três valiosos premios.

Lisboa Gimnasio Club

Amanhã, na séde do Lisboa Gimnasio, realiza-se a tradicional festa da «mi-careme», com um sarau seguido de baile.

Automoveis sem chauffeur
Alugam-se. R. Andrade Corvo, 6

Baile de Mi-carême

Hotel Francfort
Avenida Justa

No dia 30 de Março pelas 23 horas terá inicio no explendido Salão deste Hotel o Grandioso Baile de Mi-carême abrilhantado por um dos mais afamados "Jazz-band" composto de 10 figuras.

Reservam-se mesas para a ceia á Americana

DESPORTES

A vitoria de Horacio Velha

São tão raras as sessões de «boxing» em Portugal! Tempos houve já de grande entusiasmo pela «nobre arte», o qual renasce agora, decididamente, por parte do publico.

Os organizadores têm de pôr um grande cuidado nas suas realizações. Têm de fazer sessões sérias a fim do espectaculo desportivo não ser desacreditado aos olhos do publico.

A organização de ontem teve varios defeitos, dando a impressão de ter sido elaborada um pouco ao sabor do acaso. E alguns deslises: a substituição de José de Oliveira; a decisão dum arbitro depois de ter consultado, em ultima instancia, o organizador; e a oferta ao publico duma «exibiçãozinha» bastante mal mascarada de combate.

Felizmente que a apresentação de Marcelino Borges, e os combates de Liberato, mas principalmente de Horacio Velha, rapaz de largo futuro, desde que lhe saibam guiar os passos, arranjando-lhe adversarios em escala ordenadamente ascensivel de valor, salvaram a situação.

O publico saiu contente do Coliseu, dando por bem empregado o seu dinheiro—o gosto pelo «boxing», o espectaculo desportivo de maior emoção, ficou de pé—e a organização tem horizontes largos na sua frente.

Louvemos, portanto, Horacio Velha, o fulcro luminoso á volta do qual se agita este renascimento do gosto pelo «boxing».

* * *

No primeiro combate, Aluisio Falcão venceu A. Sousa, por «knock-out» tecnico ao terceiro «round». A decisão de Luiz Viegas, o arbitro, foi justa, pois o vencedor demonstrou uma superioridade irrefutavel. Se o combate, na altura em que foi suspenso pelo arbitro, prosseguisse, deixaria de ter caracteristicas de desporte.

A seguir, num combate anunciado para 8 «rounds», Marcelino Borges, 49 quilos, profissional portuense revelado no Brasil—no dizer dos organizadores—pôs «knock-out» o espanhol Perez, 56 quilos, com o rotulo de campeão da Galiza.

Este Perez da Galiza é um principiante, decerto bom rapaz, que não tem culpa que o metam em tais andanças... Pelo contrario, o português Marcelino, de boa estampa, com presença, pareceu-nos fino «boxeur», necessitando, porém, este nosso juizo de confirmação posterior, em nova exibição com adversario que lhe seja mais ou menos igual.

Pedro Quintino, 67 quilos, prestou-se á dura tarefa de substituir José de Oliveira, declarado incapaz pela inspecção medica, conforme informação fornecida ao publico, combatendo o espanhol Garcia, 63 quilos e 700.

O espanhol tinha a convicção de que o combate era de seis «rounds» (não sabemos como) e, logo no primeiro, mostrou a sua superioridade em todos os aspectos do jogo.

Socando forte, infligiu uma dura punição a Quintino, o qual revelou valentia e coragem. Ao setimo «round», Garcia abriu a arcada supraciliar direita ao português e insistiu nêsse alvo. Quintino jorrava sangue abundantemente. O arbitro, Humberto Caldas, parou o combate, e, tendo consultado os juizes e o organizador (o que não nos parece prática aconselhavel) foi encontrada uma solução: a vitoria do espanhol por desistencia do corajoso português.

A exibição Albano de Campos-Matos Junior, rotulada ao combate, deu a vitoria aos pontos ao primeiro dos contendores, não merecendo, porém, duas linhas de comentario.

* * *

Referir-nos-emos agora aos maiores combates da noite, que espalharam emoção profunda no publico que os viveu, sentindo a beleza do espectaculo desportivo. Milhares de almas entusiasmadas, gritaram unissonamente—Horacio—Horacio—Horacio.

O nosso pequeno Liberato mas grande de alma e de recursos, campeão nacional da sua categoria, 59 quilos, venceu aos pontos o espanhol Baurio, 58 quilos e 500.

O português, em forma, revelou as suas «endurance», apenas com o senão de soco pouco eficaz. A sua «performance» tem valor. Porque o espanhol Baurio sabe «boxar», tem experiencia do «ring», e deu a réplica ao português, em quasi todas as circunstancias.

A marcha do combate pode traçar-se da maneira que segue: Liberato começou por dominar, seguindo-se um periodo de equilibrio, para se verificar após ligeira supremacia de Baurio, voltando-se ao dominio português, e terminando o combate conduzido integralmente pôr Liberato, com um final desordenado mas impressionante de energia dêste «boxeur», a quem a assistencia não regateou os justos aplausos.

Finalmente, subiram ao «ring», Horacio Velha, 67 quilos, no seu inseparavel roupão verde berrante, e Sobral, 71 quilos, campeão de Espanha na sua categoria.

Horacio, do primeiro ao oitava «round» que tanto duraram o combate, jogou em dominador, dirigindo a luta, e impondo-se como o melhor.

E' certo que o espanhol Sobral, por causa duma fractura, não combatia ha tempos. Mas trata-se dum «boxeur» de recursos apreciaveis, que sabe tirar proveito de todas as oportunidades—fruto da experiencia de muitos combates.

Gostamos muito mais de Horacio Velha, neste combate, do que da primeira vez que o vimos. Mostrou esgrima de qualidade, variando de golpes, ainda que utilizando de preferencia a sua optima esquerda, denotou conhecimentos da arte de esquiva, e pôs á prova os seus rijos musculos, em ataques tremendos—verdadeira «chuva» de socos, não dados ao acaso, como no primeiro combate, mas para um alvo determinado.

No setimo «round», o espanhol, martirizado por toda a qualidade de socos, no rosto, nos maxilares e no coração, havia perdido a consciencia de que se encontrava no «ring». Passado o oitavo «round», o espanhol, que pretendeu atingir em todo o combate o estomago de Horacio, optou pela desistencia. Fez bem. Estava incapacitado para a luta.

Horacio foi levado em triunfo—e assim acabou a sessão de «boxing» de ontem.

Tanto este como o combate de Liberato foram dirigidos pelo sr. Borges de Castro, com mestria e saber, provando assim, mais uma vez, que pode e deve ser considerado como o melhor arbitro português da especialidade.

T. S.

FEIRA DE PARIS

Visitai a Feira mais importante do mundo onde aparecem as mais recentes novidades, havendo um concurso internacional de invenções. Excursão economica, todas as despesas incluidas. Visitar Paris em Maio é criar as mais saudosas recordações. Para todas as informações dirigir-se ao «Turismo Portugal, L.da», Rua de S. Nicolau, 82 r/c.—Lisboa. Telf 2.7141.

NOVIDADE!

SULFATO DE AMONIO

GRANULADO

(Produto especial para adubação azotada em cobertura ou para culturas de regadio)

Não é arrastado pelas aguas

Vende-se aos mesmos preços do Sulfato de amonio vulgar

COMPANHIA UNIÃO FABRIL

Rua do Comercio, 49 — LISBOA
Rua Mousinho da Silveira, 257 — PORTO

e em todos os seus depositos a revendedores da provincia.

DORES REUMATICAS DURANTE 20 ANOS

Mas livre delas desde 1930

Pode dizer-se que este homem bateu o record do sofrimento. Oiçamo-lo: "De 1910 a 1930 — durante 20 anos — fui um martir do reumatismo. Tenho, porem, agora o prazer de constatar que de 1930 para cá nunca mais sofri aquelas horrorósas dôres que me affligiam, graças aos Sais Kruschen e nada mais. Vinte anos são uma eternidade para quem tiver, como aconteceu a mim, de suportar tal sofrimento„ W. P.

As dôres reumaticas são causadas pelo deposito de pequenos cristais de acido urico nos musculos e articulações. Os mais fortes dissolventes destes depositos de cristais são o sodio e o potassio. Os sais Glauber contêm unicamente sodio. Os sais Epson não têm acção dissolvente porque não são absorvidos pelo sangue. Em compensação os Sais Kruschen contêm ambas as coisas: sodio e potassio. São os *unicos* sais que têm uma *dupla* acção dissolvente dos cristais de acido urico. Os outros sais componentes de Kruschen ajudam a natureza a expelir os cristais dissolvidos atravez das saidas naturais.

A' venda em todas as Farmacias e casas da especialidade. Preço do frasco grande Esc. 17$ 0, frasco pequeno Esc. 10$00.

UMA FESTA DE BENEFICENCIA

no Gremio de Trás-os-Montes

Organizada por uma comissão de senhoras, de que fazem parte as sr.as D. Adelia Marques da Silva, D. Alice Pina Lopes Bullosa, D. Augusta do Carmo Gato Sobral, D. Berta Ribeiro Serodio, condessa Mornatti Trindade, D. Dalinda Gomes Coelho, D. Ermelinda Gomes Martins, D. Margarida Schuval (Powença), D. Maria da Graça Pina Lopes e D. Zica Martins Seruya, realiza-se na noite de sabado proximo, no Gremio de Trás-os-Montes, largo de S. Domingos, 14, uma festa de beneficencia, que constará de concerto e baile da «mi-carême» abrindo o espectaculo uma conferencia humorista pelo escritor teatral sr. Lino Ferreira. Cantarão trechos de opera, acompanhados de orquestras os conhecidos artistas D. Izaura Garriga, D. Almerinda Monteiro, D. Maria do Ceu Fox, D. Amelia Melo, D. Gabriela Sales, D. Maria Braga, D. Adelia Marques da Silva, D. Maria Emilia Cardoso e o tenor Morgado Mauricio. Os bilhetes de admissão podem adquirir-se nas casas de musica e a marcação pode fazer-se pelo telefone 4.0853.

Um quadro de miseria

Um anonimo deixou-nos hoje, numa carta, a quantia de 500$00 para entregarmos á costureira a que nos referimos ante-ontem, que tem 6 filhos menores a sustentar e já empenhou tudo quanto possuia, excepto a sua maquina.

Com o mesmo destino, recebemos mais: 100$00 do sr. Louis P. Schools, chanceler da Legação dos Paises Baixos, 20$00 de um anonimo de S. Pedro do Estoril, 2$80 de outro anonimo, 50$00 da Casa Suiça, L.da, e 10$00 de F. A. C. A todos os nossos agradecimentos em nome da pobre mãi.

EMISSORA NACIONAL

Tomás de Eça Leal, o apreciado poeta dos «Intimos» e dos «Meridionais», dirá amanhã, sabado, ás 21 horas, ao microfone da Emissora Nacional, alguns poemas seus e outros de poetas gregos antigos, na equivalencia do grande e saudoso Augusto Gil.

Hockey Club de Portugal

No salão de festas do «Hockey Club de Portugal», largo de Santa Marinha, realiza-se no proximo sabado, um baile de «Mi-Careme», que promete ser animadissimo.

Sai amanhã
O N.º 7 do excelente semanario
Futebol
que conquistou a simpatia do publico desportivo do país e oferece
Uma Medalha d'Ouro
para o Campeonato das Ligas.

SENHORAS
Se o aparelho cóm que lhe fizerem a permanente não é UNIVERSAL, não é permanente é cabelo assado o Cabeleireiro do Rocio, 93 no 2.º tem elevador, faz demonstrações gratis, telef. 2 1720.

A Cidade

RADIO EUROPA
REPARAÇÕES
T. S. F.
O LABORATORIO mais completo do país
R. Augusta, 75, 1.º—LISBOA

Dr. Alvaro Costa

A morte do ilustre advogado

causou profunda impressão

Faleceu esta madrugada, na casa da sua residencia, rua Rodrigo da Fonseca, 24.º, o ilustre advogado e conhecido republicano sr. dr. Alvaro Costa.

As suas excepcionais qualidades de caracter e a sua inteligencia esclarecida haviam-lhe grangeado numerosas amizades e admirações, perfeitamente justificadas ao recordar-se a actividade profissional que desenvolveu e a isenção exemplar de que tantas provas deu.

Dr. Alvaro Costa

O dr. Alvaro Costa, embora houvesse tomado durante algum tempo parte activa na vida publica do nosso país, nunca quiz outras ocupações que não fossem as que derivavam da sua função de advogado. Essa era uma das razões justificativas do prestigio que rapidamente alcançou entre colegas e amigos.

Filho do antigo senador sr. Artur Costa e da sr.ª D. Izabel Dinis Costa, sobrinho do antigo presidente do ministerio sr. dr. Afonso Costa, o falecido encontrava-se aparentado com algumas das personalidades que desempenharam funções de relevo na politica portuguesa.

Frequentou a Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, onde se formou no ano de 1912, iniciando logo a sua vida profissional onde conquistou um lugar de merecido destaque.

Foi membro do Conselho Distrital da Ordem dos Advogados e ultimamente os seus colegas elegeram-no para o Conselho Disciplinar deste organismo.

Ha dois meses que o dr. Alvaro Costa se encontrava gravemente enfermo, tendo recebido, no período longo da sua doença, inequivocas demonstrações de apreço e consideração por parte de individuos de todas as classes e categorias sociais.

O sr. dr. Alvaro Costa deixa viuva, a sr.ª D. Carolina de Almeida Leiria Costa, e três filhos menores, Maria Luiza de 10 anos, Alvaro de 6 e Artur de Almeida Costa, que frequenta a Faculdade de Direito.

O funeral realiza-se amanhã, pelas 15 horas para o cemiterio dos Prazeres, ficando o cadaver depositado em jazigo.

O «Diario de Lisboa» apresenta ao sr. dr. Afonso Costa, que tinha por seu sobrinho a maior estima e consideração, e a toda a familia enlutada a expressão muito sentida do seu pesar.

Dr. Alvaro Costa

O presidente do Conselho Geral, o Conselho Superior Disciplinar, o Conselho Geral e o Conselho Distrital de Lisboa da Ordem dos Advogados, tendo falecido o vogal do Conselho Superior Disciplinar Dr. Alvaro Costa, convidam todos os advogados a, envergando as suas togas, incorporarem-se no funeral, que se realizará amanhã pelas 15 horas, saindo da Rua Rodrigo da Fonseca, n.º 24, 2.º dt.º para o cemiterio dos Prazeres.

VIDA DIPLOMATICA

Um jantar em honra do principe de Gales

na Embaixada de Portugal em Londres

A nossa embaixada em Londres marca actualmente, e com rara distinção, a presença de Portugal na metropole do mais vasto imperio que até hoje os homens criaram. Os nossos embaixadores possuem perfeita consciencia das suas responsabilidades, e honram-nos com uma arte e um brilho que, sem ofuscar ninguem, são cheios de prestigio para nós.

O sr. dr. Ruy Ulrich, pela sua cultura, pelo seu conhecimento do mundo, pela sua educação e principalmente pela linha patriotica a que cinge a sua acção de diplomata e de homem da sociedade, está destinado a grandes exitos.

Sua esposa, a sr.ª D. Veva de Lima Mayer Ulrich, representa a seu lado o prestigio da gentilissima colaboradora que, com o seu encanto, o seu fino tacto, a sua inteligencia e o seu gosto, transforma as salas acolhedoras da embaixada num Portugal festivo e artistico, onde os quadros e as flores, as tapeçarias e os lustres são valores altamente expressivos, quando a palavras e as intenções requerem um «décor» que as realce.

Sua filha, na simplicidade graciosa da sua juventude, tão nimbada pela Patria ausente, de que tem a suavissima ternura, põe uma nota de sol nascente — sol de abril sobre o Tejo — nas graves e protocolares afluencias de convidados.

Cremos que foi o principe de Ligne que disse: ser a diplomacia uma elegancia corteza servida por espadas, disfarçadas em venias e sorrisos. Os nossos embaixadores em Inglaterra tornam as espadas inuteis, visto que, na terra dos nossos aliados, eles limitam-se a ser portugueses, praticando a hospitalidade, como uma virtude nobre, desafrontada de pensamentos mesquinhos.

A recepção na Embaixada

Os embaixadores de Portugal em Londres, que ha pouco tempo haviam convidado para um jantar o primeiro ministro inglês, sr. MacDdonald, e as mais altas individualidades da sociedade inglesa e do corpo diplomatico acreditado na capital britanica, ofereceram ha dias um banquete em honra do principe de Gales, que constituiu um dos maiores acontecimentos mundanos dos ultimos tempos em Londres.

Assistiram ao jantar cêrca de duas duzias de convidados, entre o que ha de mais distinto na aristocracia inglesa. A mesa causou viva admiração, pelas suas interessantes decorações. Três centros de mesa ofereciam a nota elegante e aristocratica de lindos molhos de orquideas, entre os quais sobressaiam as plumas do principe de Gales, as três plumas brancas de avestruz que ostenta o seu capacete de «hussard» da rainha. Havia tambem plumas de cristal, através das quais se irisava a luz doce de altas velas prateadas, em ricas serpentinas de prata cinzelada, que causaram a admiração dos convidados.

A ilustre embaixatriz escolheu para a cerimonia um vestido elegantissimo de vidrilhos azues com guarnições côr de rosa e um lado, que se harmonizava perfeitamente com a artistica decoração da sala: tecto azul e as paredes guarnecidas com paineis bordados a azul e prata.

Ao jantar seguiu-se uma recepção para que fôram convidadas as personalidades mais em evidencia na aristocracia inglesa. Os luxuosos salões da Embaixada de Portugal animaram-se com uma frequencia de rara distinção, entre a qual sobressaiam algumas das mais lindas senhoras da aristocracia e do corpo diplomatico, que ostentavam vestidos elegantissimos.

Um lindo espectaculo de variedades animou a recepção. Entre os artistas de variedades que se exibiram, destacou-se a nossa compatriota Corina Freire, que foi expressamente de Paris para tomar parte na festa. Os seus trajos regionais e as suas lindas canções causaram sensação entre a escolhida assistencia.

Depois do espectaculo, serviu-se uma lauta ceia. Todos os convidados encantados e surpreendidos com a magnificencia da recepção, que se distinguiu tanto pela maneira cativante como os ilustres embaixadores fizeram as honras da casa, como pela requintada elegancia que caracterizava a brilhante assistencia.

D. Veva de Lima Mayer Ulrich

Os jornais ingleses ocuparam-se largamente desta festa elegante. O «Evening Standard», por exemplo, refere-se a ela em três notas incisivas, que dão bem a medida do luxo e da ostentação que a caracterizou:

«Decoração bizarra — Nem todas as donas de casa podem dispôr duma escada atapetada com peles de leopardo ou ter a ousada originalidade de misturar plumas de avestruz com orquideas na decoração duma mesa de jantar.

D. Genoveva de Lima Ulrich, mulher do embaixador de Portugal, a castelã duma Embaixada desusada e cuidadosamente decorada, tem sobre os degraus da sua escada peles de leopardo e em honra do principe, que era seu convidado, introduziu as plumas do principe de Gales entre as decorações da sua mesa de jantar e do seu bufete na festa da Embaixada, em Belgrave Square, realizada nesta semana.

Contraste de tiaras — As paredes em marmore avermelhado, onde estão aplicados paineis de brocado com fios de oiro e prata, ofereceram um rico cenario para uma imponente reunião de diplomatas e de senhoras coroadas de tiaras.

Dedicadas *aigrettes* flutuavam á roda da tiara, formada por uma rêde de diamantes, que coroava a dona da casa; elas faziam com que a seu lado parecesse quasi pequena a que usava a duquesa de Portland.

O método de lady Elibank de colocar uma tiara de diamantes sobre um fundo de prata dava uma nota original.

Esmeraldas celebres—Lord Granard, que em breve estará muito ocupado para resolver os problemas suscitados pelos pretendentes á entradas na «Royal Enclosure» em Ascot, acompanhava lady Granard. As famosas esmeraldas desta ficavam bem em contraste com o fundo de jade verde pálido do seu vestido.

Uma exposição de Alvaro Canelas

Obras de arte em troca de generos de primeira necessidade

Alvaro Canelas, artista cuja obra se impõe por si mesma e cujo nome já dispensa apresentações, vai inaugurar no proximo dia 25, na séde da Casa das Beiras, á rua Ivens 44, 1.º, mais uma exposição de trabalhos seus.

São 53 desenhos de Obidos, a linda e historica vila portuguesa que Portugal quasi desconhece e onde Canelas soube inteligentemente encontrar motivos de arte verdadeira.

Com esta sua exposição, Alvaro Canelas introduz em Portugal uma modalidade de trabalho que lá fôra é corrente já, mas que não deixará, por isso, de despertar interesse entre nós. Os trabalhos expostos poderão ser adquiridos não só com moeda corrente, mas ainda em troca de generos necessarios á vida do homem, excepção feita, apenas, dos artigos de luxo, que não interessam o artista como ele proprio declara.

A visita da Imprensa e dos artistas está marcada para o dia 24, ás 15 horas.

A "Festa dos Fundadores"

prosseguiu esta tarde no regimento de cavalaria 7

Está a realizar-se com grande brilhantismo, no regimento de cavalaria 7, a festa de homenagem aos fundadores daquela unidade, srs. general Domingos de Oliveira e coronel Passos e Sousa.

Hoje foi o segundo dia de comemocações, assistindo ás provas os srs. brigadeiro Leopoldo Soares, comandante da 2.ª brigada de Cavalaria, coronels D. Luiz da Cunha Menezes, comandante daquela unidade e Bandeira de Lima, comandante de Infantaria 1, alem de muitos outros oficiais.

De manhã, efectuou-se a 2.ª prova da «Taça dos Fundadores», constituida por eliminatorias de concurso de tiro para oficiais, por «équipes».

Seguiu-se a 1.ª prova, tambem da «Taça dos Fundadores», constituida por eliminatorias de esgrima para sargentos, igualmente por «équipes».

A's 16 horas começou um encontro de «basket-ball» entre «équipes» de cabos de Cavalaria 7 e da Escola Central de Oficiais, perante numerosa assistencia.

No TIVOLI: Pierre Blanchar e Brigitte Helm em
O OIRO
Um dos maiores acontecimentos do ano!
Amanhã, ás 4 da tarde: o grande pianista BRAILOWSKI com um programa dedicado a Schumann e a Chopin

Pinte os seus cabelos com
KOMOL
e será sempre jovem
REPRESENTANTE:
M. Cabral
Avenida Almirante Reis, 166 r/c. dt.º
Telef. 4 6865
DEPOSITARIO:
Farmacia Oliveira
Rua da Prata, 240

Fatos a 15$00
semanais de esmerado acabamento
Só no "O Figurino da Avenida".
Avenida da Liberdade, 13
Telef.: 21766

A Cidade

Bebam a famosa
CANA IMPERIAL
á venda nos Cafés, Bars, Restaurantes, etc.
DEPOSITARIOS:
A. L. Simões & Pina L.da — Rua das Flores, 22
Tel. 2 0850

Está em Lisboa

o famoso pianista Brailowski

que dará um concerto no Tivoli

O Tivoli que, este ano, tem primado em apresentar, ao publico de Lisboa, as maiores celebridades musicais do momento, anuncia, para amanhã de tarde, um concerto de Brailowski, o maravilhoso interprete dos romanticos.

Aqui está um nome que não precisa de adjectivos nem de reclamos. E' popularissimo nos meios musicais. A sua arte incomparavel criou-lhe uma fama internacional, justissima e ruidosa. Poucos conseguiram, como Brailowski, alcançar a gloria com tanta rapidez, em plena mocidade,— graças ás suas qualidades excepcionais reveladas desde a mais tenra idade.

Alexandre Brailowski nasceu em 1896, em Kiew, e descende duma antiga familia moscovita.

As suas extraordinarias tendencias musicais, reveladas na infancia, levou a familia a matriculá-lo no Conservatorio. Depois dum curso brilhante e dum primeiro prémio alcançado aos 14 anos, Brailowski continuou os seus estudos e o aperfeiçoamento da sua tecnica com o celebre Leschetitzky. E, pouco depois, apareceu em publico. Triunfou logo. Foi disputadissimo pelas melhores orquestras de Viena, Berlim, Leipzig e Praga. O seu nome correu mundo. E teria atingido nessa altura o auge da gloria não fosse a Grande Guerra.

Durante esse periodo trágico, não esteve, porém inactivo. Aperfeiçoou a sua tecnica com Planté e Busoni. E, depois, do armisticio, triunfou imediatamente. Percorreu o mundo, a tocar e a entusiasmar toda a gente com a segurança inexcedivel e a delicadeza maravilhosa da sua arte verdadeiramente genial.

Hoje é considerado um dos maiores pianistas do mundo e o melhor interprete, que até hoje apareceu sobre a superficie da terra, dos dois grandes mestres do romantismo: Schumann e Chopin.

O seu concerto de amanhã, ás 4 horas da tarde, no Tivoli vai portanto ficar memoravel. E' uma tarde dedicada exclusivamente a Schumann e a Chopin com um programa sensacional das obras mais representativas dos dois grandes compositores.

O programa compõe-se das seguintes obras de Chopin:

Polonesa em fá sustenido, Improviso em lá bemol, Mazurca em si bemol Balada em sol menor, Scherzo em si menor, Noturno em fá sustenido, Valsa em lá bemol e Andante e Polonesa. De Schumann, toca o famoso *Carnaval*.

Estamos certos de que ninguem vai faltar ao recital, de Brailowski, o pianista romantico, delicado, extraordinario, inexcedivel.

DEMITIRAM-SE TRES VEREADORES

da Camara de Lisboa

Pediram a sua demissão os vereadores da Camara Municipal de Lisboa srs. Luiz Pastor de Macedo, capitão Gaspar de Oliveira e engenheiro André Navarro, que já não compareceram ontem nas repartições dos seus pelouros.

Tambem se demitiu a comissão executiva das Festas da Cidade, a que presidia o sr. Luiz Pastor de Macedo.

A GARRETT Largo do Chiado, 9 e 11
Almoços completos de 12 e 16 Escudos
Jantares completos de 15 e 18 Escudos

VIDA PARLAMENTAR

A ACTIVIDADE DOS EMIGRADOS PORTUGUESES EM ESPANHA

foi hoje focada em aviso previo

apresentado pelo deputado sr. dr. Mario de Figueiredo

A sessão de hoje da Assembleia Nacional começou ás 15 e 5, com a assistencia de 73 deputados.

Lido o expediente, o sr. presidente deu conhecimento dum pedido do 3.º juizo criminal de Lisboa para que o sr. Henrique Galvão ali vá depor como testemunha. Com a aquiescencia do referido deputado com concedida a autorização solicitada.

Usou depois da palavra o sr. dr. Mario de Figueiredo, que enviou para a mesa o seguinte «aviso previo»:

«Desejo tratar da actividade criminosa desenvolvida em Espanha pelos emigrados portugueses e dos prejuizos que dela podem advir para o sistema das boas relações que importa manter entre os dois paises da Peninsula».

O sr. dr. Mario de Figueiredo justificou depois o seu «aviso» com as seguintes consideraçõs.

—O meu aviso previo creio que, vistas as perspectivas que estão a passar-se na politica do país vizinho, não pode ficar sujeito á mecanica demorada dos avisos previos.

«Tem de sujeitar-se á mecanica normal destes avisos, mas não se compadece a urgencia do problema com as naturais demoras de informação das repartições. (Apoiados).

E dirigindo-se ao presidente, acrescentou:

—Creio que v. ex.ª pode incluir o meu aviso na ordem do dia sem consultar as repartições, visto que o governo deve estar informado da questão sem ter necessidade de, neste momento, consultar papeis.

E a seguir:

—Pelo que informam hoje os jornais, o problema já teve no país vizinho certo sentido»de solução, desejado pelo país vizinho, mas tambem por nós. (Apoiados).

Concluiu dizendo:

—Importa, pois, que a opinião publica, que tem já conhecimento do desejo de solução do país vizinho, seja informado do sentido da solução a dar em Portugal e para portugueses.

Terminadas as considerações do sr. dr. Mario de Figueiredo, que foram sublinhadas por apoiados, o sr. dr. José Alberto dos Reis declarou ser manifesta a urgencia pedida por aquele deputado para o seu «aviso previo» pelo que vai tomar as necessarias providencias, para que o assunto seja tratado dentro do mais breve espaço de tempo possivel.

Entrou-se a seguir na ordem do dia, cuja primeira parte é constituida pela ratificação do decreto n.º 25.126, relativo á distribuição dos encargos do excedente da colheita do trigo.

Usou em primeiro lugar da palavra o sr. engenheiro Botelho Neves, que declarou concordar, como lavrador e como deputado, com a doutrina do decreto submetido á ratificação da Camara, embora discorde do «modus faciendi» que ele preconiza.

Subiu depois á tribuna o sr. Melo Machado, que bordou largas considerações acêrca do decreto, discordando dele na parte que se refere á distribuição de encargos.

O orador elogiou a obra do sr. engenheiro Leovigildo Franco de Sousa na pasta da Agricultura, afirmando que a Federação Nacional dos Trigos, por ele criada, tem dado á lavoura nacional inestimaveis beneficios.

Falou em seguida o sr. dr. Camarate de Campos, que disse entender que haveria justiça se os encargos fossem suportados pela produção, pela moagem e pela panificação.

Fez alguns reparos ao decreto, declarando que a Camara deve, contudo depositar confiança no governo e, por isso ratificar o diploma em discussão.

O sr. engenheiro Proença Duarte definiu seguidamente a finalidade do decreto e referiu-se aos encargos a liquidar, afirmando que todos estão de acôrdo quanto á liquidação desses encargos, embora haja divergencias na forma de se proceder á distribuição dessa liquidação.

A sessão prossegue.

A CAMARA CORPORATIVA

terminou o estudo da proposta que cria o Instituto de Medicina Tropical

Reuniu-se hoje na Camara Corporativa a 22.ª secção (politica e economia coloniais), que deu a ultima redacção ao seu parecer sobre a proposta de lei que cria o «Instituto de Medicina Tropical».

Em conjunto, reuniram-se tambem hoje, as secções 16.ª (ciencias, letras e artes) e 17.ª (educação fisica e desportos) para estudo do projecto sôbre o «Curso obrigatorio de higiene e puericultura», assistindo aos trabalhos os srs. drs. Julio Dantas, Duarte de Oliveira e José de Figueiredo; Tertuliano Marques, Ivo Cruz, Rui de Andrade, Dario Canas e Serras e Silva.

A 16.ª secção, tratou isoladamente do projecto de lei sobre «Ensino Secundario».

Reunem-se amanhã conjutamente as secções 5.ª (pescas e conservas) e 10.ª (transportes) para apresentação do parecer sobre a proposta do governa relativa á construção e aquisição de barcos de pesca.

O PORTO pelo telefone

PORTO, 22

Orfeão Academico de Coimbra

Depois dos acontecimentos de ontem, nada mais ocorreu de anormal. Hoje, pelas 14 horas, o Orfeão Academico de Coimbra e as entidades que o acompanham seguiram para Braga, onde á noite se realiza um sarau no Teatro-Circo.

As autoridades tomaram todas as providencias para que o embarque se fizesse na melhor ordem, pelo que estacionou junto á estação de São Bento um esquadrão de cavalaria da G. N. R., sendo a «gare» fortemente guarnecida por policias de Segurança.

Na estação de Campanhã foram tomadas identicas medidas de precaução, não tendo, porém, ocorrido nada de anormal.

Barcos de pesca em perigo

Pelas 11 e 30, saiu de Leixões o salva-vidas «Carvalho Araujo» a fim de socorrer alguns barcos de pesca que, devido á brusca alteração do mar, não puderam entrar a barra do Douro nem a de Leixões.

Pouco depois do meio-dia, entrou em Leixões aquele salva-vidas, rebocando todos os barcos que estiveram em perigo.

No bairro piscatorio da Afurada houve grande alarido provocado pelas familias dos pescadores que ali residem e que, felizmente, não tinha razão de ser, visto não ter havido desastres.

VIDA ARTISTICA

A exposição de aguarelas

de Raquel Roque Gameiro

Raquel, como ela simplesmente se assina, é dos mais extraordinarios casos da arte portuguesa. Ante a sua obra de aguarelista, de fundo subjectivismo nacional, animada pelas virtudes delicadas da mulher, acto de ternura que se repete encadeia em sucessivas maravilhas, não tenho uma reserva, nem uma restrição. Admiro-a totalmente, com o desespero sincero de não poder traduzir em equivalencias verbais, o singular, o penetrante poder das suas luminosas e frescas aguarelas, as mais representativas, as mais eloquentes da terra, do mar e do ceu que constituem Portugal. A sua emoção é tão grande como a sua ternura, mas entre as duas, está uma alma, enamorada da aceiras simples, cenas rurais, dum idilico encanto, em tintas claras de sorriso, frizos de pescadores e teorias de mastros, com o mar a servir de fundo, em assombros extraordinarios de interpretação humana, e ainda, em rusticos interiores, apontamentos da aldeia, duma fragrancia menineira e contente, donde se depreende a doçura, a ternura, o amor de tudo quanto e nosso. Raquel é a artista do sentimento, e, como nenhuma outra, cristã e portuguesa. Ninguem como ela nas tintas de aguarela, de tão dificil manejo, pela fluidez, sabe contornar, desenhar, marcar uma figura, dando na fisionomia a expressão do caracter. A sua pormenorização, sem ser insignificante, reveste-se dum pitoresco rico, vivo, florilegio dos nossos costumes, que a sua arte imortaliza em inesquecivels acontecimentos. O seu desenho, duma elegancia fina, donairosa, cantante para as mulheres que, sob a sua mão e emoção, parece terem o ritmo das figurinhas gregas, das legendas dos vazos etruscos, torna-se dum mimo radiante, quando surpreende uma criança nos braços da mãi ou brincando na soleira de uma porta da aldeia. Então, Raquel, guiando a sua arte pelo coração, fixa-lhes enternecidamente, os gestos, os amuos e os sorrisos numa alvorada de inocencia com a imaterialidade da propria graça pequenina. Só uma mulher pode interpretar em amor tão fragrante e ligeira beleza, sem a deminuir, conservando-lhe a pureza ungida de Deus.

Nesta exposição, que irá a Londres e que será um êxito para Portugal, porque é Portugal em imagens radiantes de beleza que vai, a grande Raquel, sem sequer concentrar o maximo do seu esforço, afirma-se—arrisco a frase—o nosso melhor artista de aguarela, ou, pelo menos, o mais nitidamente nacional. Veja-se, por exemplo, o *grupo de salofos*, composição assombrosa de relevo e de humanidade, com figuras desenhadas do seu natural e que são assim, sem desvios de estilo, mas com o sabor terruinho, a vida propria, o caracter denso e significativo, em tinta fina e delicada e seguras linhas de observação—da nossa gente e do nosso clima. Como contraste de local e de ambiente, repara-se depois, com funda atenção espiritual, nos quadros que Raquel trouxe da Nazaré.

Pertencem á vida anecdotica dos pescadores, á cronica heroica do mar. A lota, os barcos que part meuo , que gueerr—barcos que partem ou que regressam, outros mais tristes, varados na areia, velas brancas, como mortas, imobilizadas pela tormenta—e marcantes, com os seus tipos tatuados, de olhos leais, onde o azul da onda se reflecte, mulheres louras como sereias, de formas peregrinas, em grupos livres, conversando, vendendo, trabalhando, e cantando, agitando-se, na tontura da maresia, em frisos duma graça decorativa, tão extraordinaria e graciosa, que anda ali, certamente, no trabalho da artista, miraculosa visão de beleza. Mas a serie prolonga-se: são os lares vetustos da velha Beira, com uma velhinha a fiar na sua roca; as bucolicas pastoris, quando as camponesas, pela tarde doce, recolhem á aldeia, seios fartos e fecundos, como Pomonas, carregando á cabeça, com diademas silvestres, os pampanos da ultima vindima.

Portugal está ali, vibra ali, vive ali, na sua côr apaixonada, no seu amor profundo, transfigurado por uma artista, cuja chama do genio é uma fogueira de beleza.—A. P.

No São Luiz: VIVA VILLA!

CONFERENCIAS

Promovida pelos «Estudos Sociais Economicos e Literarios» realiza hoje o sr. José de Bragança, ás 21 e 45, nas salas da Sociedade Nacional das Belas Artes, uma conferencia na qual se ocupará da evolução da estatuaria grega desde o seculo de Péricles até ao periodo helenistico e da Arte Romana.

Estas conferencias, feitas sob a égide daquela Sociedade, são acompanhadas de projecções luminosas.

—O sr. dr. Hernani Cidade realiza amanhã, ás 21 e 45, nos «Estudos Sociais Economicos e Litterarios, praça Luiz de Camões, 66, 2.º, uma conferencia subordinada ao tema: «No alvor dos tempos modernos— O significado mental do seculo XVIII».

Os estudantes dos estabelecimentos oficiais têm entrada mediante a apresentação do seu cartão de identidade, e as demais pessoas podem inscrever-se á propria hora da conferencia.

—Hoje, pelas 21 e 30, o sr. Santa Rita realiza na Universidade Popular Portuguesa, rua Luiz Derouet, um serão literario em que falará da oba do escritor russo Dostoiewski. Entrada livre.

—A sr.ª D. Matilde Bensaude realiza hoje ás 21 e 15 na sede da Associação Comercial de Lisboa, uma conferencia a que presidirá o sr. ministro da Agricultura.

DE LUTO

Luiz Mesquita

Constituiu uma significativa manifestação de pesar o funeral, realizado hoje, como anunciámos, do sr. Luiz Mesquita, falecido ante-ontem na sua residencia de Algueirão.

Os restos mortais de Luiz Mesquita chegaram a Lisboa ás 15 e 30, organizando-se depois, para o cemiterio do Alto de S. João, o prestito em que se encorporaram numerosas pessoas de todas as classes e de todas as categorias sociais.

MEALHADA, 21.—Com 92 anos de idade, faleceu ontem nesta vila a sr.ª D. Henriqueta Oliveira, mãi dos srs. dr. Antonio Antunes Brêda, presidente da comissão administrativa deste concelho, Manuel Antunes Brêda, professor primario e Augusto e Francisco Antunes Brêda, abastados proprietarios.

O funeral, que se realizou hoje, foi uma grandiosa manifestação de pesar.

SUFRAGIOS

Maestro Carlos de Araujo

Por alma do maestro Carlos de Araujo, falecido ha dois anos, reza-se amanhã missa de sufragio ás 10 horas na igreja de S. Nicolau.

Homenagem á memoria dum medico

E' amanhã, como temos noticiado, que se realiza, ás 22 horas, no Instituto Clinico da Junta Geral do Distrito, rua Capelo, 18, 1.º, uma sessão de homenagem á memoria do falecido medico daquele estabelecimento de assistencia, sr. dr. João Bastos Lopes.

Associação dos Inquilinos

Para apreciação do relatorio da gerencia e de outros assuntos de interesse para os socios, reune-se hoje, ás 21 horas, a assembleia geral da Associação dos Inquilinos Lisbonenses.

Anibal Pompeu de Sousa
Lobão de Macedo Chaves

FALECEU

Confortado com todos os Sacramentos da Santa Madre Igreja

Maria Amelia da Rocha Leão de Macedo Chaves d'Oliveira, marido e filho João de Macedo e Chaves e mais [illegible] participam o falecimento de seu [illegible] pai, sogro, avó e parente, cujo funeral [illegible] realizou no dia 21 do corrente da sua residencia da Rua da Emenda, 69, para o cemiterio Ocidental.

P. N. A. M.

CRONICA

PARA BEM

O teatro começou pelas representações mimicas, com dansas e córos em honra de certos deuses.

A velha Grecia deu-lhe feições regulares com os ensaios de Théspis, no tempo de Sólon, e com os dramas de Phrynicho que foi quem se lembrou de introduzir na representação os papeis de mulher. A Eschylo coube, por sua vez, o invento da decoração ou cenario, dos maquinismos, da mascara, que originou a caracterização, e do coturno, 325 anos antes de Cristo.

Guerreiro destemido, arriscou a vida correndo leve na batalha de Marathona, cujo nome passou a ser de uso sportivo, no combate de Salamina e ainda no de Platéa onde, momentos antes do embate, pelas armas, entoou uma canção patriotica perante os córos dispostos, á sua frente, em forma de ferradura, tais como nas platéas de hoje. E daí a sua actual denominação.

A Menandro cabe as honras de ter modificado a comédia, inventada pelo chocarreiro Suzarion, de Megara.

Substituiu a sua constante feição politica por um enrêdo leve com o qual Antiphanes fazia a pintura rapida das verdades morais.

Os dois actores das peças de Eschylo, com a introdução de mais um por Sophocles, foram-se multiplicando podendo hoje a comédia ter tantos quantos apeteça ao seu autor.

Na Idade Média o teatro estava, por assim dizer, reduzido aos *misterios* representados nas igrejas e foi neles que os portugueses, como outros povos, foram inspirar-se para as suas primeiras peças de teatro regular.

Foi assim que Gil Vicente, no seculo XVI, conseguiu fixar o teatro nacional português.

Levado para o Brasil no seculo da descoberta, foram os jesuitas que o inauguraram na sua oba inteligente de catequése.

O padre Anchieta fez representar em S. Vicente e em 1555, como arremedo dos «autos de devoção», em tupi e português o acto da *Prégação Universal*.

Mas só muito mais tarde, três seculos depois, é que, pela arrancada brilhante do romantismo contra as versões dos classicos, se afirmou o teatro nacional brasileiro.

Os seus fundadores foram, sem dúvida, Gonçalves de Magalhães e Martins Penna.

E' do primeiro a tragedia, em 5 actos, *Antonio José*, representada em 13 de março de 1838, no teatro da Constituição, que se chamou depois S. Pedro de Alcantara e é actualmente João Caetano.

Ao segundo pertence a—*Juiz de paz na roça*—exibida em 4 de outubro daquele ano e no mesmo teatro.

Magalhães revelou o que Penna fixou.

Porque este foi, de facto, mais «carpinteiro de teatro», mais conhecedor dos efeitos no arranjo, sequencia e divisão das cenas e no remate dos actos.

Com a peça de Martins Penna deu-se, em 1838, no Brasil, sem qualquer influencia portuguesa, o mesmo movimento romantico de fixação nacional que, quatro meses depois, se verificava, entre nós, com *Um auto de Gil Vicente*, de Almeida Garrett.

Devemos, porém, notar que convém não confundir a comédia com a farsa, e muito menos ambas com o teatro ligeiro, de opereta e revista, em que aparecem mais focados os tipos e costumes brasileiros, como materia indispensavel ao aproveitamento do vasto manancial de um *folk-lore* riquissimo.

Por isso, querer avaliar, por exemplo, Procopio Ferreira em qualquer daqueles tipos seria pretender deslocar o seu verdadeiro papel de Artista equiparando-o a qualquer figura aplaudida em fim de festa e em numeros soltos.

Sucederia o mesmo se em qualquer comédia portuguesa, de fina observação geral, representada, fóra do país, por dois excelentes elementos de comédia, exigissem deles como medida exacta do seu valor, a interpretação de um saloio de Loures, de um «magala» ou de um fadista...

Entre Oscarito, no Coliseu, e Procopio, no Ginasio, ha uma sensivel diferença de generos teatraes.

Vem isto a proposito de serem rarissimas as peças do teatro brasileiro moderno em que os tipos e os costumes caracteristicos se mostram fortemete vincados como já o haviam estado em varias comédias e farsas do seculo XIX, hoje completamente deslocados no tempo e até no espaço...

O teatro brasileiro actual é, felizmente, como que um espelho de revelação de almas, de casos que surgem, aproveitados por psicologos habeis, e não a tela impressionista e exclusiva de interessados patriotas ou chocarreiros.

E' por isso que Joracy Camargo, o expoente maximo dos autores modernos, interpretado por Procopio, igual expoente dos Artistas brasileiros do momento que estamos vivendo, é compreendido por todos os sectores da opinião, afagando uns e beliscando outros.

A sua obra ha de ficar, certamente, para modelo, na mesma febre com que Paris de 1726 e a Europa inteira imitaram as cabeleiras, as mangas e as saias da famosa artista belga *Camargo*, que tão discutida foi quando inventou a saia curta que as ballarinas desde então nunca mais deixaram de usar.

E—caso curioso!—ha extremos que, emparelhando-se ou contrariando-se, se tocam na hora presente.

Martins Pena—que tambem fez reviver D. Leonor Teles, na cena, como, depois, o nosso grande Marcelino Mesquita—foi o fundador, a valer, do teatro brasileiro e Joracy é o mais moderno dos seus triunfadores.

Penna venceu no campo restricto das cousas intimas ou dos aspectos ridiculos e Joracy na larga visão do mundo social através de uma justa observação.

Martins Penna teve em João Caetano, o maior actor de então, o seu melhor amigo e Joracy encontrou em Procopio, o maior actor de agora, o seu amigo mais entusiasta.

Joracy Camargo encontra-se em Lisboa e Martins Penna tambem.

Mas este morto desde 7 de dezembro de 1848, com 33 anos de idade, quando a diplomacia o trouxera até cá.

Joracy, vitorioso autor do «Deus lhe pague», está felizmente vivo para maior gloria da literatura dramatica brasileira e para que, envolvendo o inimitavel Procopio Ferreira no mesmo abraço que lhe damos, possa receber os nossos sinceros parabens.

MARIO MONTEIRO
Advogado

Prefira a «CHIC» para os seus almoços e jantares, e verá que todo o serviço lhe dará inteira satisfação.

Mundanismo

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

Baroneza de Almeirim, (D. Luiza) D. Margarida de Melo Breyner Cardoso de Meneses, D. Maria Inacia Cabral Moncada de Carvalho, D. Maria da Anunciação Pereira Peixoto Taveira, D. Eliza de Castro Quaresma, D. Maria de Andrade Bastos, D. Maria de Lourdes Bon de Sousa Mexia Calheiros, D. Maria Madalena Castel-Branco Valente, D. Maria Guilhermina Syder de Deus Ramos, D. Maria do Carmo de Serpa Brandão, D. Maria José da Cunha [illegible]telli, D. Maria da Madre de Deus Correia de Freitas Torres, D. Margarida Geraldes Velho Preto Pacheco, e a menina Maria Odete Gardé Simões.

DOENTES

Na casa de saude da Estrela foram operadas com muito exito pelo habil cirurgião sr. dr. Bastos Gonçalves as sr.as D. Julieta Augusta Santos e Silva e D. Maria do Rosario Pimenta de Castro Bacelar.

RUTHER.—Pelo seu poder antiseptico, pelo seu forte poder tonificante combate a **Caspa** e todas as **Doenças do couro cabeludo**, facilitando ao mesmo tempo o **crescimento do cabelo.**

A' venda na **Drogaria Açoreana, de Ferreira & Ferreira, L.da.** Rua da Prata, 99-101.

A sala-restaurante do CAFE-«CHIC» tem conforto, asseio inexcedivel, não tem cheiro ou fumo e tem originalidade na iluminação.

—Porque a não visita V. Ex.ª?

Leiam ás quinta-feiras o jornal humoristico o «SEMPRE FIXE»

TORROAES

RELOJOARIA DE CONFIANÇA

Relogios de parede

Despertadores dos melhores fabricantes

Modelos modernissimos, de absoluta novidade

119, R. DA PRATA, 123—*Telef. 24210*

Se não existisse

A MARIAZINHA, ainda hoje se ignorava o sabor do bom café

A Mariazinha

Rua Barros Queiroz, 26 e 28
(á igreja de S. Domingos)

Porquê?

Não ha razão para suportar resignadamente essa terrivel dôr de dentes! Com um ou dois comprimidos de Cafiaspirina verá que pronto alivio. E nemhum mal fará ao seu organismo.

Cafiaspirina BAYER

O PRODUTO DE CONFIANÇA

GLASURIT
Esmaltes e vernizes de 1.ª qualidade
Para todas as aplicações

ESTRANGEIRO

OLIMPIA CLUB
TODAS AS NOITES
Grande animação

As nuvens de pó em Kansas

Já morreram oito pessoas

KANSAS CITY, 22.—Os milhares de nuvens de pó que, arrastadas por um vento violento cairam ontem sobre esta cidade, prosseguiram esta manhã na sua obra devastadora, com rumo ao norte.

Em virtude de terem aspirado em maior quantidade o referido pó, que parece ter origem vulcanica, morreram oito pessoas e encontram-se em estado desesperado 17.

Os prejuizos materiais causados pelo extranho fenomeno elevam-se a muitos milhões de dolares.

O sol voltou de novo a raiar esta manhã em Kansas City, apesar da atmosfera se apresentar carregada e nebulosa.—(United Press).

Um homem luta com um tigre

acabando por matar a fera

LONDRES, 22.—Comunicam de Bombaim que um indiano chamado Janu Mulan, de Ratnagiri, foi atacado por um tigre, quando cortava lenha num bosque. O homem defendeu-se da fera, que, ao cabo de uma luta dramatica, conseguiu matar, com uma machadada no craneo, embora ficasse com o corpo rasgado.—(Americana).

As bodas de prata de Jorge V

LONDRES, 22.—Anuncia-se que os reis da Inglaterra, que se encontravam a veranear no país de Gales, regressam a esta capital no proximo dia 26, a fim de assistirem aos preparativos para as grandes festas que se realizam por ocasião da celebração das bodas de prata do rei Jorge V.—(United Press).

A reforma interna do Reich

MUNICH, 22.—Em consequencia das resoluções tomadas para a aplicação da reforma do Reich, foi ontem destituido Hermann Esser, ministro de Economia da Baviera.—(Havas).

CARTAZ

TEATROS

Nacional—A's 21—«The Sport of Kings».
Gimnasio—A's 21 e 30.—«Deus lhe pague».
Apolo—A's 20 e 30 e 22 e 45—«Zé dos Pacatos».

CINEMAS

S. Luiz—A's 21 e 30.
Tivoli—A's 21 e 30.
Central—A's 21 e 30.
Politeama—A's 21 e 30.
Condes—A's 21 e 15.
Olimpia—Das 14 e 30 ás 2.
Chiado Terrasse—A's 21 e 15.
Capitolio—A's 21
Royal-Cine—A's 21 e 15
Palacio—A's 21 e 30.
Odeon—A's 21 e 15.
Jardim Cinema-21 e 30-Av. Alvares Cabral
Paris Cinema—20,45—R. Domingos Sequeira
Eden-Cinema—R. do Alvito, a Alcantara.
Salão Ideal—Rua do Breto.

A'S DONAS DE CASA!
ATENÇÃO!!
Os melhores **vinhos de mêsa, maduros e verdes, tintos e brancos,** em garralões de 5 litros, são os da
Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal
(Fornecedora da Presidencia da Republica)
Encontram-se nas boas casas e na FILIAL de Lisboa
Rua do Alecrim, 119
TEL. 22556

		Preços sem garrafão
Tintos	Virgem	7$00
	Colar	8$50
	Domestico	8$50
Branco — Colar		8$50
Verdes	Especial	8$00
	Minho	12$00

Os desempregados ingleses

provocam tumultos

LONDRES, 22.—Cêrca de dez mil operarios sem trabalho organizaram ontem proximo de Abertillery, em Monmouthshire, uma manifestação de protesto contra a lei do desemprego. A Policia tentou dispersá-los, mas os manifestantes apedrejaram-na. Mais de oitenta agentes da autoridade tiveram de recolher ao hospital, devido aos ferimentos que receberam. Só depois de chegarem reforços é que os manifestantes foram dispersos. Só um policia ficou no hospital. Os mais recolheram a suas casas.—(Havas).

Incendiou-se um avião francês

e morreram os 7 tripulantes

BREST, 22.—Um hidro-avião da marinha de guerra, quando procedia a exercicios, caiu envolto em chamas na extremidade sul da baia. Morreram todos os tripulantes, em numero de seis.—(Havas).

O roubo de barras de ouro

no aerodromo de Croydon

LONDRES, 22.—A Policia londrina procura activamente a quadrilha de gatunos que ha dias roubou, em circunstancias bastante misteriosas, do aerodromo de Croydon, barras de ouro no valor de 21.000 libras esterlinas.—(United Press).

A Cidade Universitaria de Roma

ROMA, 22 — A inauguração solene da Cidade Universitaria, que devia realizar-se em 28 de abril, foi transferida para 28 de outubro, a fim de que todas as Universidades do Mundo, que já foram convidadas, tenham tempo de organizar as suas representações.—(Americana).

Uma actriz de cinema operada

LONDRES, 22—E' satisfatorio o estado da «estrela» cinematografica inglesa Diana Wynyard, que recentemente foi operada de um ataque agudo de apendicite.—(U. P.)

As relações coloniais franco-italianas

PARIS, 22.—A Camara dos Deputados discutirá esta manhã o projecto de lei relativo ao tratado franco-italiano que regula os interesses dos dois países em Africa.—(Havas).

RUTHER.—Tonico biologico para o cabelo, que restitui a sua coloração primitiva sem dar nas vistas, elimina a **Caspa** e evita a queda do cabelo.
A' venda na **Drogaria de Silva Neves & C.ª, Lda.,** 229, rua da Prata, 231.

Um atleta crucificado numa arvore

Trata-se dum crime dum louco?

SAN DIEGO (California), 22.—O conhecido atleta norte-americano Karl George Frey apareceu esta manhã crucificado numa arvore da estrada marginal que conduz á pequena povoação de Litle Orange.

O cadaver de Karl tinha o peito atravessado por um punhal que no cabo tinha dependurada a medalha de ouro do Club Atletico de Detroit a que o desventurado pertencia.

A Policia supõe que se trata da obra de um louco, pois Karl era muito conhecido e estimado e não se lhe conheciam inimigos.—(United Press).

Os tumultos de Karachi

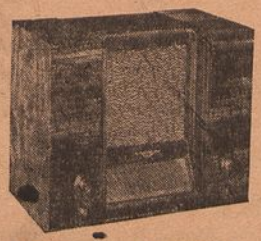
Moção de censura ao Governo

LONDRES, 22.—De Delhi comunicam á agencia Reuter que, em consequencia da tropa ter feito fogo sobre a multidão por ocasião das desordens de Karachi, a Assembleia Indiana aprovou por 67 votos contra 52 uma moção de censura ao Governo, apresentada por um membro do Partido Independente.—(Havas).

A agitação no Mexico

MEXICO, 22.—As autoridades comunicam que um nucleo de tropas legais persegue um bando de rebeldes, que parece serem especializados no enforcamento de professores primarios. Já houve encontros sangrentos.—(Americana).

UMA
PASTILHA
VALDA
na bocca
é um resguardo
contra as dôres de Garganta, Constipações, Rouquidão, Defluxos, Bronchites, etc.
é o bom remedio
para combater todas as molestias do Peito.
Encontram-se em todas as Pharmacias e Drogarias
EM LATAS com o nome
VALDA
Representante H. REYNAUD
LISBOA

SCHAUB RADIO

O magestoso receptor para todas as ondas com escala em português e todos os aperfeiçoamentos da tecnica moderna
Som incomparavel
c. continua 2.980$00
Esc. 2.880$00
c. alterna
OLAVO CRUZ, L.DA
LISBOA PORTO
Av. da Liberdade, 11, r/c. R. Sampaio Bruno, 12, 1.º

BOLSA DE LISBOA

VALORES	Efectuação	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 6 1/2 % 1923			
convert. em 4 3/4 % 1934	1.120$00	1.119$00	1.120$00
Consolidado 5 1/2 % 1933	1.668$00	1.666$00	1.671$00
» 4 1/2 % 1933	999$00	—	1.000$10
» 4 % 1934	932$00	932$00	931$00
Externo 3 % 1.ª Serie	1.570$00	1.568$00	1.573$00
» 3 % 2.ª	—	—	—
» 3 % 3.ª	—	—	1.690$00
Emp. 4 1/2 % 1912	1.590$00	1.585$00	1.590$00
» 6 1/2 % 1930-Consol	520$00	519$00	521$00
» 6 3/4 % 1930-Portos	514$50	514$50	5.5$00
» 6 % 1932	1.030$00	1.029	1.031$00
Acções			
Bancos			
Comercial de L.ª port	—	433$00	440$00
Lisboa & Açores	391$00	390$00	392$00
Portugal	1.072$00	1.065$00	1.075$00
Espirito Santo	—	—	—
C.ª de Seguros			
Bonança	—	700$00	720$00
Fidelidade	—	15.000$00	16.000$00
Mundial	191$00	190$00	192$00
Nacional	—	—	780$00
Sagres	—	—	—
Tagus	—	800$00	—
C.ª diversas			
C. P. ordinarias	—	94$00	98$00
» » privilegiadas	—	—	—
Aguas de Lisboa, port.	—	700$00	730$00
Cerveja Estrela	245$00	244$00	246$00
Cimentos de Leiria	740$00	—	740$00
Credito Predial	—	—	28$00
Gaz e Electricidade	324$50	324$00	325$00
Navegação	—	—	—
Portugal e Colonias	65$70	65$70	66$00
Portuguesa de Pesca	—	—	—
» de Tabacos	408$00	407$00	408$00
Tabacos de Portugal	365$00	365$00	366$00
Tabaqueira	—	—	—
União Electrica Portug.	205$00	204$00	206$00
Coloniais			
Assucar d'Angola	502$00	502$00	506$00
Busi-1.ª Emissão	45$00	44$50	45$50
» —2.ª »	—	—	—
Ilha do Principe	185$00	183$00	187$00
Obrigações			
C. P. 6 o/o	521$00	521$00	521$50
Prediaes 6 o/o—1932 1.ª	—	91$00	—
» 7 o/o	—	124$00	125$00
U. Electrica Port. 7 1/2	130$00	129$00	131$00
Busi 9 o/o	—	118$00	119$00

Henrique de Barros Gomes
Corretor oficial da Bolsa de Lisboa
Telef. 2 5482 Rua S. Julião, 69

CHEQUE SOBRE	Comprador	Vendedor
Londres	110$00	110$15
Paris	1$51,6	1$51,8
Madrid	3$14,2	3$14,7
New-York	23$00,6	23$03,8
Zurich	7$44,2	7$45,2
Roma	1$89,8	1$90,1
Bruxelas	5$20,8	5$21,5
Amsterdão	15$52,5	15$54,1
Berlim	9$25,0	9$26,4
Praga	$96,6	$96,7
Rio de Janeiro	1$38,9	1$39,1
Libra ouro	—	—

Concursos no Ministerio da Agricultura

Está aberto concurso pelo praso de 60 dias, a contar de 11 de fevereiro proximo findo, para médicos veterinarios do quadro do Ministerio da Agricultura.

Tambem foi aberto concurso entre os médicos veterinarios portugueses, para apresentação de trabalhos de literatura veterinaria e habilitação a premio, dentro da verba liquida de 5.220$00 inscrita no orçamento da Direcção Geral dos Serviços Pecuários.

Monumento aos mortos da guerra

na cidade de Mertola

A delegação de Mertola da Liga dos Combatentes inaugura no proximo dia 9 de abril, naquela localidade, um monumento aos mortos da guerra, estando preparadas varias celebrações para comemorar o acontecimento.

Dos 13 concelhos do distrito de Beja é este o primeiro que presta a merecida homenagem aos soldados de Portugal.

Ferroviarios condecorados

pelo Governo francês

O Governo francês agraciou com a medalha de honra em bronze os ferroviarios da Companhia dos Caminhos de Ferro da Beira Alta sr. Manuel dos Santos Vargas, conservador, e José Augusto Pessoa, encarregado da secção de Tornos, que ha 52 e 48 anos respectivamente vêm prestando serviço nas Oficinas Gerais daqueles Caminhos de Ferro, em Figueira da Foz.

Companhia das Fabricas Ceramica Lusitania
Grandes fabricas de bons produtos ceramicos de
TODOS OS GENEROS E PARA TODOS OS USOS
Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Setubal, Faro, Portimão e etc.
A CERAMICA QUEHONRA O PAIZ!

ULTIMAS NOTICIAS

ODEON — PALACIO
O maior filme historico dos ultimos tempos
O Favorito da Rainha

O REARMAMENTO DA ALEMANHA

A Imprensa francesa elogia a atitude da Italia

e põe reservas á moderação do procedimento da Inglaterra

PARIS, 22.—O texto da nota francesa entregue em Berlim é plenamente aprovado pelos jornais, que não se mostram surpreendidos com o facto de Berlim não ter aceitado a argumentação. A Imprensa francesa continua a mostrar-se satisfeita com a solidariedade franco-italiana. Aqui e além aparecem reservas quanto á sugestão de John Simon de convidar a Alemanha a participar da reunião de Como.

«Os dirigentes alemães—diz o «Petit Parisien»—devem já ter medido os inconvenientes dos actos unilaterais e devem tê-los compreendido. Esses inconvenientes, se o Reich mantiver a sua atitude e rearmar, não deixarão de aumentar».

O «Figaro» declara que o protesto francês é perfeito. «O dia foi bom—escreve—e a firme atitude da França produziu os melhores efeitos nos centros internacionais». E referindo-se á sessão de ontem na Camara dos Comuns, diz: «John Simon declarou que desejava a participação alemã em Como. E' andar um pouco depressa. Não estamos ainda na altura dum Pacto dos Quatro».

O «Petit Journal», sobre o mesmo assunto, declara: «Não se vê bem que a Alemanha viria fazer a Como, numa reunião tendente a estabelecer a comunidade de vistas franco-italo-inglesa. E' talvez conveniente não ligar demasiada importancia aos boatos de que John Simon seria o introdutor benevolo desse embaixador verdadeiramente extraordinario».

«L'Oeuvre» manifesta as mesmas idéas e diz: «John Simon deu a entender que a Inglaterra não assinaria nenhum acto internacional que a Alemanha tambem não assinasse. Pode, contudo, pensar-se que a opinião do povo inglês não é essa».

O «Matin»: «A diligencia italo-francesa em Berlim alcançou os fins que tinha em vista. Essa solidariedade será reforçada amanhã por uma larga troca de vistas entre Laval, Suvich e Eden. O correspondente do mesmo jornal em Roma informa que os circulos italianos vêem com satisfação manter-se o contacto entre a França, Italia e Inglaterra e que «para alargar essa frente, o palacio Chigi tem em mente, além da aproximação italo-jugoeslava, fazer um esforço junto da Polonia. Estariam já travadas as conversações entre Roma e Varsovia».—(Havas).

A situação economica do Reich

WASHINGTON, 22.—Segundo os circulos bem informados, Roosevelt recebeu efectivamente da embaixada americana em Berlim um relatorio acêrca da situação da Alemanha, que pedira ha cêrca de dois meses. Este relatorio, porém, trata exclusivamente das situações financeira e economica e está longe de ser tão pessimista como o indicam certos telegramas recebidos de Paris, reproduzindo informações da Agencia Economica e Financeira. Parece que no seu conjunto o relatorio diz que a situação da Alemanha continua dificil no que respeita ás suas relações comerciais e economicas com os países estrangeiros, mas que não piorou sob o ponto de vista interno. O relatorio não faz nenhuma alusão á situação politica.—(Havas)

Já se fala nas clausulas territoriais

BERLIM, 22.—O «Voelkische Beobachter» escreve: «O restabelecimento da soberania alemã, pelo serviço militar obrigatorio, serve para ordenar os espiritos na Europa. A Alemanha está pronta a todas as transigencias desde que os outros tambem as tenham. A paz da Europa só se pode basear na igualdade de direitos de todos os povos. O que se diz sobre pretensas intenções guerreiras da Alemanha é especulação. Desarmem todos e o Reich destruirá a sua ultima metralhadora. O governo alemão deseja colaborar intima e lealmente com todos os outros. A decisão de Berlim só toca o tratado de Versailles na parte relativa ás clausulas militares. As clausulas territoriais, essas, só se poderão rever por acôrdo muito amigavel».—(Americana).

Um debate no Parlamento francês

PARIS, 22—Hoje de manhã principia, no Parlamento o debate acerca dos acordos franco-italianos. O deputado interpelador Franklin atacou vivamente a politica externa praticada por diversos governos franceses declarando: «pagamos sempre a contado, e a nós pagam-nos a prazo». Os acordos de Roma são um exemplo disso—acrescentou. O orador pediu uma atitude mais firme com respeito á Alemanha, cujo restabelecimento do serviço militar obrigatorio não ameaça só a França, mas o mundo inteiro. Não ha senão uma solução, disse, «é agrupar militarmente as nações pacificas contra as nações com mentalidade de aves de rapina».

O debate terminou com a aprovação dos acordos por 555 contra 9 votos.—(Havas)

O que dizem os jornais ingleses

LONDRES, 22.—O acolhimento que a opinião publica deu ao discurso pronunciado ontem pelo ministro britanico dos Negocios Estrangeiros, sir John Simon, durante o debate da Camara dos Comuns, prova que o chefe do «Foreign Office» é apoiado por todos os sectores da opinião, na missão de que se val desempenhar em Berlim. Assim, o «Times» diz que o melhor serviço que a Gran Bretanha pode prestar não só á França como a toda a Europa, é recolher todas as indicações fornecidas pela Alemanha e adequá-las aos objectivos comuns, isto é, aos que pretendem ser alcançados por todas as potencias.

O mesmo jornal transcreve a passagem do discurso de sir John Simon quando disse que «o sistema de paz só poderá tornar-se solido, tornando-se compreensivel» e que «o facto de visitar Berlim, Moscovo e Varsovia não significa que a Inglaterra tenha voltado as costas a Paris, Roma, Bruxelas ou Genebra».

O grande orgão da «City» salienta o facto de sir John Simon ter declarado que se sentiria feliz «se após esta serie de visitas anunciadas, a Alemanha pudesse fazer-se representar em todas as conferencias».

O «Daily Telegraph» diz que a visita dos ministros ingleses a Berlim é «tão oportuna como a que efectuou á capital alemã lord Haldane, em 1911». Tal como os outros orgãos da Imprensa, este jornal acolhe com grande simpatia as palavras do general Smuts quando disse que a politica da Gran Bretanha deverá ser «a da paz mesmo apesar dos acontecimentos da Alemanha».

O «Daily Telegraph, porém, avisa a Alemanha de que não leve demasiado longe a suposição de que existe indiferença ou ignorancia da parte do povo inglês. O mesmo jornal, relembrando a frase de ontem de sir Herbert Samuel—«igualdade de direitos, sim; predominio militar, não»—pretende fazer vêr ao Reich que a sua pouca compreensão da opinião publica inglesa, começada nos ultimos 10 anos que precederam a grande guerra, foi o principal motivo dos tragicos acontecimentos de 1914 e aconselha aquele a aceitar de boa mente as indicações inglesas que são as que têm por objectivo a paz e a tranquilidade geral.

O «Manchester Guardian» diz que o discurso de sir John Simon foi bem acolhido por todos os sectores da opinião publica e que a missão de chefe do «Foreign Office» e de lord Eden será com certeza um grande passo a favor da paz do mundo.

O «Morning Post» diz que o debate de ontem na Camara dos Comuns veio decerto tornar mais poderosa a força moral de sir John Simon, quando se apresentar perante os ministros alemães.—(Havas).

A ansiedade em Londres

LONDRES, 22.—E' aguardado com grande interesse e ansiedade o resultado da conferencia que amanhã realizam em Como os delegados da Inglaterra, França e Italia, que apreciarão a atitude tomada pela Alemanha no que diz respeito ao restabelecimento do serviço militar obrigatorio.—(United Press).

Alarme infundado

PARIS, 22—O ministro da Guerra, general Maurin, declarou ontem perante a comissão de assuntos militares da Camara que a Alemanha já comprara toda a sardinha de conserva enlatada que se encontrava armazenada em Portugal e que pedira aos industriais conserveiros portugueses que lhe reservassem toda a sua produção, não só de peixe, como tambem de outras conservas alimenticias portuguesas, porque as pagaria por bom preço.

As declarações do general Maurin provocaram grande sensação.—(U. P.)

Nota da Agencia:—*Na séde do Consorcio Português de Conservas de Peixe, onde procurámos a confirmação do conteudo deste telegrama, foi-nos dito não ser verdadeiro o facto concreto nele expresso, embora seja verdade que a Alemanha continua a ser desde 1934 o primeiro país comprador das nossas conservas de peixe.—(U. P.).*

O Serviço do Trabalho continua

BERLIM, 22.—Hieri, chefe do Serviço do Trabalho, declarou que, além do serviço militar obrigatorio, continuará aquela organização.—(Havas).

Universidade de Coimbra

Partiram para Coimbra os srs. embaixadores de Inglaterra que vão aquela cidade, a convite da Universidade, inaugurar uma exposição de publicações inglesas, e descerrar um busto de sir Isaac Newton, oferecido por sir Claude Russell á secção astronomica daquele estabelecimento de ensino.

Lanches para casamentos
PATISSERIE VERSAILLES

CASANOVA
R. JARDIM DO REGEDOR, 9
TELEF. 24938
Hoje sexta feira, 22 — Estreia da grande artista espanhola LOLITA PEÑA
Chegada hoje de Sevilha contractada directamente por esta Empresa para executar bailados andaluzes
Orquestra Sousa Pinto
O Dancing mais alegre e bem frequentado da capital
Serviço de ceias à la carte e a preço fixo

EM SANTA CLARA

Está a ser julgado

o individuo que atentou contra a vida do major Ferreira Gil

No primeiro Tribunal Militar Territorial, em Santa Clara, começou esta tarde o julgamento do processo referente ao atentado de que foi vitima o sr. major Alfredo Ferreira Gil, 2.º comandante da Policia de Segurança Publica. Presidiu o sr. coronel Achemann, servindo de vogais o sr. tenente-coronel Costa Ramos, e juiz auditor o sr. dr. Beça de Aragão.

O sr. capitão Pestana desempenhava as funções de promotor de justiça e a defesa foi confiada ao sr. dr. Domingos Monteiro.

O reu declarou chamar-se Orlando José Bernardino, de 36 anos, casado, serralheiro mecanico.

O sr. tenente Pais, secretario do tribunal, fez a chamada das testemunhas, comparecendo dez de acusação, bem como a declarante, sr.ª D. Argentina de Melo Aguiar.

O acusado não indicou testemunhas de defesa.

O sr. dr. Pestana requereu, sendo deferido, que fossem lidos os depoimentos dos individuos que faltaram e o relatorio dos peritos do Instituto de Medicina Legal, que descreve minuciosamente as regiões atingidas, concluindo por que houve manifesta intenção de matar. Tambem foram analizadas as conclusões dos peritos referentes aos srs. Pedro dos Santos Urbano e José da Silva, que sofreram ferimentos durante o motim que deu origem ao atentado.

Segundo o libelo acusatorio, ás 0 horas do dia 27 de maio do ano findo, no Rossio, defronte do edificio do teatro Nacional, á chegada do comboio do norte, que trazia os vanguardistas que vinham tomar parte na parada de 28 de Maio, o reu foi preso pelo sr. major Ferreira Gil, em consequencia de se tornar suspeito. O agressor entregou-se, sem manifestar a minima resistencia. Quando seguia, porém, em direcção á esquadra, disparou, á queima-roupa, contra o seu captor, atingindo-o no ventre, e produzindo-lhe varios ferimentos.

O reu Orlando José Bernardino disparou ainda mais tiros, quando se evadiu, ferindo, tambem, os srs. Pedro dos Santos Urbano e José da Silva.

O reu, pouco depois, quando foi preso no largo de S. Domingos tentou ainda ferir o guarda 1.086, da 6.ª esquadra, Antonio Teixeira, o que não conseguiu, por se lhe ter encravado a pistola.

O sr. dr. Domingos Monteiro, patrono do reu, ditou para a acta uma extensa contestação, na qual afirmou que o seu constituinte confessa que de facto, no dia e hora indicado no libelo, desfechou alguns tiros no Rossio, contra um individuo vestido á paisana, que só mais tarde soube que era o sr. major Ferreira Gil. O orador acrescentou que o reu procedeu sem intenção criminosa e sem culpa, e aludiu ao bom comportamento anterior e a outras derimentes que pretende demonstrar no decorrer da audiencia.

O sr. major Ferreira Gil produziu um extenso depoimento, descrevendo minuciosamente as condições em que se deu o crime.

O juiz dr. Beça Aragão:

—Quando V. Ex.ª prendeu o reu, ele estava sereno?

—Calmo e sereno. Não notei, nessa ocasião qualquer perturbação. Antes de o deter, é que ele mostrava um aspecto desvairado.

O sr. major Ferreira Gil deu varias explicações ao juiz auditor, ao promotor de justiça e patrono do reu.

O sr. capitão Passo declarou que o acusado confessára o crime, alegando que desconhecia tratar-se do segundo comandante da Policia.

Foram ouvidas as restantes testemunhas de acusação, entre as quais figuravam oito guardas da Policia de Segurança Publica, o chefe Lopes, e um estudante, que pouco adiantaram sobre o caso.

Iniciando-se os debates usou da palavra, em primeiro lugar o sr. capitão Pestana, promotor de justiça, que fez uma minuciosa reconstituição dos acontecimentos.

O sr. dr. Domingos Monteiro afirmou que o reu não teve intenção de matar, e que desconhecia que o seu captor era o sr. major Ferreira Gil. Terminou, pedindo a absolvição do seu constituinte.

A seguir, houve replica e treplica, depois do que o tribunal se reuniu para deliberar. Eram 16 horas. A sentença deve ser lida ao fim da tarde.

Diario de Lisbôa
Suplemento literario

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA — Telefone 20271

A ESTATUARIA NEGRA DE QUINHENTOS

As mascaras de Benim

Como a exuberancia da arte oriental chegou ao Congo levada pelos navegadores portugueses

O desenho, essencia primitiva e inicial de todas as artes, sua carcassa geometrica e construtiva, esqueleto e arquitectura das formas, das côres, dos volumes e das maximas expressividades esteticas, nasceu em todos os povos de maneira semelhante. Foi a luz e o instinto que revelaram ao raciocinio a sua invenção.

Na Africa houve — segundo afirmam os sabios — quatro épocas principais: — 1.ª, a do simples traço de contôrno dos animais (a arvore é rara na grafia dos povos primitivos), gravado nas cavernas de superficies irregulares; 2.ª, esse mesmo contôrno procurado já em rochas mais ou menos lisas, com o interior roido por gravados de direcções varias, especie de contra-molde de relêvo, côncavo, onde no cavado mais ou menos profundo aparecem por vezes efeitos de luz, deixando espaços na côr natural das superficies, já com intenção de provocarem efeitos de sombra; 3.ª, os mesmos desenhos coloridos com *nuances* estranhas, negro, ocre e côr de sangue velho, predominando sempre o animal na inspiração, sobretudo o antilope, o bufalo e o bisonte; 4.ª e ultima, essa mesma grafia em composições caprichosas ou ocasionais, misturando o realismo da visão com a fantasia do artifice, manchas deformadas onde figura a mêdo a imagem do homem, aparecendo sempre este visto de frente com os pés e mascara de perfil, e com tendencias angulosas no contôrno dos membros, em movimentos sumarios de caçadores ou gentios esbeltos, perseguindo animais de proporções desconexas, tudo colorido e repintado com óxidos e vegetais, ora barbaros ora elegantizados e até de finos efeitos, a caminho de uma cultura estetica, conforme o gôsto dos indigenas e consoante o fanatismo das tribus.

A fantasia do artista e a imaginação do supersticioso torna desde então essa arte do desenho gravado e colorido, menos realista e menos harmonica. Da observação objectiva, movidos pelo terror e pelas crenças de idolatria, os povos africanos criam por ultimo o disforme e o fantasmagorico, sem ordem de composição nem logica de qualquer fim espiritual, em vias de uma decadencia dos ricos dons de inicio, aparecendo agora a reprodução da paisagem, a criação dos deuses e a ironica desproporção dos membros, com figurações astrais, que já absorviam a fé e as barbaricos dos costumes. No entanto, mais ou menos, sempre a influencia das lutas, da caça, da dansa e da idolatria, aparece nesses frisos irregulares de exoticos e atrabiliarios contôrnos, com pormenores desenvolvidos até á obsessão, e com desequilibradas enxertias de fantasiosos animais em corpos rigidos de inspiração directa.

Estas artes prehistoricas e paleoliticas, adivinhando os primeiros periodos historicos do primitivismo racional, são hoje o encanto dos investigadores que as perseguem em favor de definições concretas, e dos artistas que as copiam na perene exigencia do misterio, que quanto mais remoto, mais liberdade lhes dá para se espolinharem pelo infinito das criações imaginativas. Aquelas eram uma homenagem á vida segundo a concepção real de crenças verdadeiramente sentidas; e estas são fruto da desmesurada ambição de arrancar do sublime da vida, o tormentoso regresso á fantasia dos cerebros constituidos diferentemente. Daí, a acusação de loucura a certas escolas chamadas modernas, sempre alacres e dinamicas, pela anormal situação que as coloca fora do tempo em que actuam. Com a historia surgiu a idéa da morte, e certas tentativas da arte de hoje, na ansia de topar uma nova eternidade, renegam o modelo da natureza, procurando suplantar a idéa de Deus com a paixão doutras idéas mais complicadas, apoiadas na chamada liberdade do sonho humano, que é tão livre, audacioso e grande, que nem as doutrinas de principios nem as ditaduras de teorias ou moralidades o podem dominar.

Descoberto o desenho e o relêvo, primeiro negativo e depois naturalmente compreendido, assim como a coloração dos mesmos donde saíu fatalmente a pintura, as crenças ligadas ás virtudes e ás duvidas, levaram o homem, que é imaginativo por necessidade logica de se ultrapassar, a inventar novos moldes plasticos de expressão, aparecendo assim a escultura integral, primeiro com a ceramica, depois com a madeira, a pedra, o narfim e o bronze. Praxisteles declarou, com autorizada razão, que fôra a ceramica quem dera o ser ás obras de cinzel, de buril e de fundição. Na verdade é dessa descoberta, para a qual o fogo deu a principal contribuição, que hoje temos a felicidade de admirar não só os famosos bustos em barro da Nigeria, como os estupendos bronzes do Benim, para não citarmos os ferros batidos e os oiros cadinhados de outras regiões do continente africano, que vão de ser com o amor de todos os povos civilizados, enaltecidos com inteira justiça, em paralelo das melhores obras das mais altas epocas de cultura.

Varias são as versões, apoiadas em estudos historicos e sobretudo em conjecturas de cultos investigadores, que atribuem essa nobre estatuaria do Benim ora ás invasões asiaticas e directas, ora ás imaginações mediterraneas, mas sobretudo á influencia dos navegadores portugueses que assim como enriqueceram os gôstos dos artistas do Congo, igualmente levaram ao Benim a exuberancia da arte oriental. Se os egipcios sobremaneira, através das correntes dos arabes, influiram no jeito dos artistas ingenuos de uma grande parte do continente negro, tambem por sua vez e na altura do seu dominio forte, os portugueses ali impuzeram o seu gôsto, não só no burilar dos marfins congoleses, no decorativismo dos tecidos do Sudão, na criação de novos temas da religião catolica em quasi toda a costa ocidental, mas especialmente na modelação dos relêvos, dos animais e das mascaras do Benim, onde já era conhecido o segredo da fundição em areia, mas aonde só nós ensinámos o manejo do cinzel á nossa maneira, e a composição misteriosa e luxuriante da estetica luso-oriental, que vinhamos de importar para a nossa propria terra. Atestam-no—e muitos sábios estrangeiros o confirmam—as formosas esculturas que possuimos na Sociedade de Geografia, bronzes maravilhosos e irmãos dos que se encontram nos Museus lá de fora, e os belissimos baixo-relevos em marfim ou metal que conhecemos, onde as lendas particulares do Benim são reproduzidas em sólidas esculturações, inconfundiveis no seu gosto quinhentista, que só os portugueses, portanto, para ali poderiam transportar, respeitados pela devoção do deus ou do rei Maniputo.

O homem é na essencia um ser estético, e a arte é o meio formal de exprimir a sua constituição psicologica, social e ritmica, por mais patetica que ela se nos afigure ás nossas convenções materiais. Todavia ainda há quem no nosso meio traga a inteligencia arredada desta tremenda verdade, e sorria dos poetas, despreze os artistas e negue a bendita sensibilidade da minoria que ignora sistematicamente a politica, para que da vida, que é sempre curta nos amantes da beleza, o ideal dos seus sonhos não seja sequer maculado pelo desvio de um minuto, visto a Arte ser a paixão mais absorvente de todas as paixões, a quem o iluminado se entrega sem restrições, incondicionalmente, constantemente, como um vicioso perdido para qualquer outra dôr ou prazer, cego ao restante da vida que não seja a criada pelo seu espirito.

Primitiva ou contemporanea, nunca a arte consentiu que a sujeitassem a qualquer dogma, a qualquer tirania, a qualquer assalto. Benditos sejam os *barbaros* que a cultivam com fé e que a defendem com o seu sacrificio.

DIOGO DE MACEDO

ESTE SUPLEMENTO NÃO PODE SER VENDIDO EM SEPARADO

ANTI-VIDA

por JOAQUIM MANSO

O homem gasta quanto cria, corrompendo as formas mais belas do seu sentido vital e artistico. Quando Solon visitou o Egipto, os sacerdotes disseram-lhe:

—Vamos ensinar-te algumas verdades que podem ser uteis a todos os que, como os gregos, desejam penetrar o misterio das coisas.

E contaram-lhe a historia da Atlantida, até então fechada a sete chaves. Não conhecemos como o sabio interpretou a revelação com que o distinguiram.

Acreditou ele, acaso na subversão material do mundo que se sepultou nas profundesas do Oceano ou se partiu em pedaços, ficando dum lado as Americas e do outro a Europa e Africa?

Carecemos de dados para nos pronunciarmos pela afirmação ou pela negação. Para nós — perdoem-nos quantos vêem no enigma da Atlantida mais que um quebra-cabeças propicio a hipoteses tão sedutoras como aventurosas—ignora-se a morte dos continentes, mas não a das civilizações. Não existe privilegio que isente de fraqueza, velhice e ruina os povos, por maior que seja o seu valor e poder inventivo.

O caracteristico de tudo que é humano descobre-se na sua caducidade.

Torres, fortalezas, pilares, instituições, cidades, imperios e templos confundem-se no pó com os miseros grãos de areia.

Que se salva?

Alguns exemplos selectos de virtudes memoraveis, raros livros e obras de arte que escaparam aos cegos vandalismos, alicerces de Capitolios derruidos, meia duzia de idéas cuja substancia persiste fecunda através das idades e as sementes esparsas de searas futuras, assás demoradas.

Qual foi o destino de Babilonia, Atenas, Sparta, Alexandria e da Roma dos Cesares?

Consumiram-se em decadencias mais ou menos lentas, sepultando-se com as ossadas dos seus capitães, dos seus soberanos, dos seus mestres e dos seus artistas. O fulgor que as animou, o ruido que as encheu, o luxo que as decorou e o orgulho que as colocou no topo das vanglorias reduziram-se a nada.

De Troia, que tão epicamente desencadeou as coleras dos deuses e dos homens, resta, por favor de Virgilio, uma inscrição rica de poesia, vagamente piedosa:

—Hic fui Troia...

Quasi se pode afirmar que cada passo que nós damos pisa a lousa dum desconhecido. Se possivel fôsse ver erguer das suas campas quantos nelas jazem, ao soar a trombeta do juizo final, constatar-se-ia prontamente que a espessura das cinzas é muito maior que a do solo aravel.

A vida que palpita no nosso ser propaga-se como uma onda que vem do fundo dum misterioso Oceano para se quebrar e desfazer nas arestas da costa,sem indicar vestigios da sua problematica e efemera passagem entre as ilusões que nos cativam. O entusiasmo, a mocidade, a paixão, o amor, a fé, a bravura, o talento e a inspiração são as flores mais belas que ela faz desabrochar no seu jardim de maravilhas.

Mas quem ousaria firmar-se em sopros tão breves? Que é feito do escudo de Marte e do capacete de Minerva?

Dantes, o mundo acusava uma arquitectura sublime, dentro da qual nós, como torrente no seu curso, sabiamos o caminho do porto salvador.

—Para onde vais, ó caminheiro?

—Venho do tempo e busco a Eternidade.

Era simples e tocante: ninguem se enganava. Os avós, na hora da despedida, diziam aos netos:

—Segue-me as pisadas e nunca me percas de vista.

Assim a Duvida cujos olhos são cavos, escuros e desvairados andava desterrada pelas solidões, profundando em silencio as grutas onde os homens entram a cantar e donde saem a chorar. Muita gente não acertava com as soluções mesquinhas que era necessario achar para os problemas caseiros do ganha-pão.

—Quanto rende o teu esforço em doze hoas de trabalho?

Não sabiam responder, porque se haviam habituado a grandes cogitações—muito para além das suas miserias evidentes e diarias. Nunca hesitavam, quando se lhes preguntava:

—Para onde transitará a tua alma, depois da morte?

A resposta produzia-se pronta e facil, segundo os dados infaliveis do catecismo. A Eternidade, com os seus três reinos—o das trevas, o das esperanças dolentes e o da gloria, era mais conhecida e acreditada que a existencia dos arquipelagos descobertos pelos portugueses.

Como sempre acontece, pois o homem nasceu para trocar o bem certo pelo mal incerto, a felicidade pelo perigo, a rota pela derrota, a Duvida, qual Zarathustra que baixa do seu ermo, apresentou-se nas praças, amotinou as turbas, gritando-lhes:

—Envergonhai-vos da vossa credulidade! O pecado é uma quimera e a justiça divina um fantasma sem forma.

Isto bastou para que os bichos da terra se considerassem gigantes rebelando-se contra Deus que os amparava e contra a natureza de que extraiam o pão e o saber. Presenceou-se esta coisa assombrosa: o Infinito considerado como insuficiente para a razão que proclamou a sua independencia, alçando-se ao trono das olimpicas divindades.

Qual o resultado da sacrilega inversão de valores e posições?

O novo cativeiro de Babilonia.

Por quantos anos?

Tantos quantos foram necessarios para que a anti-vida em que agora nos agitamos—soltos, revoltos, irosos e sombrios—se purifique nos nossos animos e nos torne aptos para a comunhão da vida. Esta, se lhe descontarmos as manifestações grosseiras e brutescas, avaliando-a simplesmente na sua feição superiormente humana, exprime-se pelo pensamento, pelo verbo e pela acção.

Bossuet, nas Elévations á Dieu sur tous les Mysteres, em obediencia ao texto biblico, fala-nos dos espiritos sem corpo, que são os anjos, e dos corpos sem espirito—minerais, vegetais e animais. No homem, reuniu Deus o espirito e o corpo, numa sintese dificil de realizar-se, dado o mau fermento com que a tentação desatou a harmonia inicial. A nossa existencia desenvolve-se como um tema de amor, na noite de Walpargis. De vez em quando, trespassa-a um raio de luz.

Donde provêm? Quem o enviou?

Esta interrogação suspende as respirações e dá margem aos profetas que sacodem, com a sua voz de fogo e de ferro, os rochedos, mas não as cegueiras e os fanatismos torvos:

—Acolhei em vossos corações a palavra de quem vos anuncia que se avizinha o Messias!

Rugem as paixões e os sarcasmos, amarelecidos pelos odios seculares e frios atiram as suas gargalhadas á face adusta e inculta do Precursor:

—Não é do Messias que nós carecemos, mas sim de dinheiro para a bolsa e de prazer para os sentidos.

Mammon, o idolo de ouro, a fome insaciada de volupias, o torcionario que sufoca a virtude, o pudor, o dever e a pobreza, convertendo tudo em sofrimentos e afrontas, o violador dos santuarios e das inocencias, Mammon, a encarnação do desejo que nos aperta com as suas volutas impuras e opressivas, marca a derradeira «étape» da degradação.

—Quanto ofereces pela nobreza dum santissimo beijo de açucenas?

—O dinheiro, meu sonhador, não pende para o misticismo, porque prefere a corrupção da carne aos gosos inefaveis dos bemaventurados...

Entre os anjos que Deus dispos junto do seu trono, comunicando-lhes a inteligencia e o amor, estalou um dia a revolta. Escolheram a anti-vida, desprezando a vida: tanto quizeram subir na sua ambição que desabaram no abismo. Uma vez lá, não se resignaram a pensar as feridas do amor proprio: aceitaram a sua negra sina e organizaram a guerra contra os filhos de Adão.

A tragedia humana recebeu o seu baptismo de sangue. A dor que, na sua intima amargura, representa uma privação ou uma desilusão, instalou-se nos nossos cuidados, como o cunho nas moedas. A insatisfação permanente e crescente deixou-nos o seu travo que atinge mesmo o clamor dos que condenam o justo:

—Que estranho furor nos levou a lapidar e crucificar o ingenuo précador da Boa Nova?

Creamos para destruir e destruimos para criar. A materia não varia, posto que a nossa inquietação se multiplique: quer com o sucesso, quer com o insucesso.

—«Pede-me seja o que for que ada te recusarei!»—prometeu Apolo a Faetonte, a fim de o convencer de que era seu pai.

Que apeteceu ao simpatico mancebo?

Precisamente o que não cabia nas suas forças inexperientes — guiar o carro do sol. O exito do cometimento foi absolutamente negativo — Faetonte, por um triz, não incendiou a maquina do universo. Jupiter fulminou-o. O ousado aventureiro sucumbiu no perigo que imprudentemente provocára, visto não ter ciencia á medida da sua inconsciencia.

A vida — e isto estava bem gravado na meditação de quantos escreveram as primeiras cosmogonias e teogonias — não se desfia como um cabo, repugnando-lhe a curiosidade que imagina assenhorear-se dos seus segredos. Possui um itinerario, uma direcção, um significado, uma complexa unidade e com processo hermetico de conceder-se e recusar-se. Os seus dons não se obtem com invocações ou imprecações satanicas: são plenos e patriotas.

Se, por ventura, nós lhe dirigimos um plano de realizações imediatas, procurando forçá-la na sua providencia e nas suas leis, ela abandona-nos no deserto, entregando-nos ao governo insano das nossas sapiencias. Assim como o amor arrastado ao extremo gera o odio, tambem a vida desviada por nós do seu ritmo, travada na linha ondulatoria das suas curvas conduz directamente á anti-vida.

Quando o pensamento se revolve na negação, fatigando-se sem objecto na discussão do pró e do contra, sem ousar distinguir a verdade do êrro, tenhamos por certo que voga como a nau sem leme. Teoria contra teoria, escola contra escola, doutrina contra doutrina, sistema contra sistema, sem que outro fruto se colha, a não ser o da vã retorica do sofista, eis o quadro que oferecia o helenismo anemico e desabusado.

O verbo faz do pensamento o mesmo que a gleba do trigo que o semeador espalha: imprime-lhe a graça que seduz e o calor que persuade.

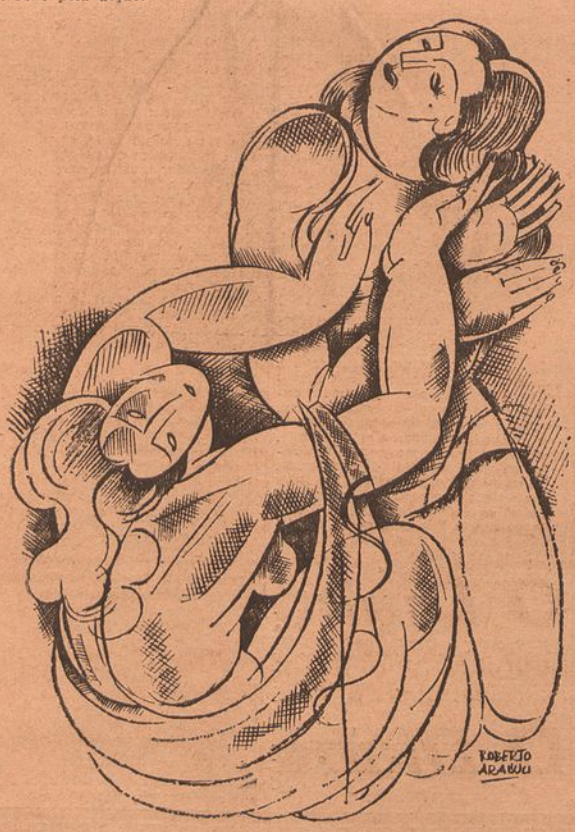
A acção, vela sua parte, encerra a prova final dos dois: oferece á vida, transformado pelo engenho e arte, o que a vida ofertara ao homem.

Da literatura se afirma que a sua missão consiste em interpretar a realidade, ajuntando-lhe a nota humana. Parece-nos melhor considerá-la sob outra feição, atribuindo-lhe a responsabilidade de libertar cada geração do jugo e da ameaça da anti-vida, renovando os espiritos e os corações, a fim de impedir que a decrepitude os converta em larvas.

Nós quando sacrificamos o espirito á letra, a intuição clarividente á exegese rotineira, o desinteresse ao egoismo, a generosidade á avareza, a bravura á covardia, a eloquencia á retorica, a inspiração á imitação servil, traimos o nosso papel, em relação á vida que é uma corrente impetuosa de energias salutares e de impulsos redentores.

22-III-1935.

JOAQUIM MANSO



UM ESCRITOR

A critica da obra

O "Homem dos Mil Segredos"

A leitura deste livro, *O homem dos mil segredos*, cujo primeiro ciclo de livraria está decorrendo com pouco reparo e nenhuma critica, que eu saiba, deixa-me perplexo e balanceando de cá para lá num mundo de impressões, gratas umas, melancolicas outras. Antes de mais nada pregunto-me se pode haver selecção nas letras portuguesas. Diz-me o entendimento que sim, persuadido que em boa hora, por força dum acto de luminosa sinceridade, se aparta o joio do trigo, e obras de que nunca se devia falar [illegible]riaturas que nunca deviam pegar da pena desaparecem do tablado publico, engul[illegible] por um alçapão sem fundo. Antes de mais nada seria necessario que esta atmosfera de mentira colectiva se purificasse mediante a acção electrolitica de clara e implacavel analise. A continuar a adensar-se na republica das letras a actual confusão mental, não admira que dentro em breve se não distinga o harmonioso do espinoteado, a composição viril da lamechice, o verdadeiramente bafejado da graça do tôrto e veego por designio secreto ainda da mesma Providencia. Vejam-se esses inqueritos! Uns saem a depôr jurando ser verdadeiros em nome de suas consciencias como se soubessem os tristes o que isso é; outros julgam ter descoberto o H_2SO_4 do ingrediente literario e tudo o que não esteja dentro da fórmula não presta ou está errado; ainda aqueles afirmam ao sabor de seus odios pataqueiros ou de sua biliosa politica, como se o fenomeno literario não devesse ser encarado por detrás desta fajardice individual ou através do umbigo de cada tendeiro. Imagino que não será gastar cera com ruins defuntos que um belo dia se faça luz neste Egipto mergulhado em trevas por mal dos nossos pecados, documentando com demora e franqueza, exemplificando, varrendo o arraial literario ora com estadulho, ora com piassaba, consoante.

Se não se fizer isso temos a sociedade literaria e, por logico alastramento, a sociedade portuguesa convertida num chôco e fétido Lago Asfaltite. Estas palavras, proferidas com cólera, reconheço-o, não têm outro fim que provocar o advento desse Cristo de azorrague que demais está o templo conspurcado por aquilo que Horacio chama o esterco dos corvos brancos. São-me provocadas ainda pelo livro «O Homem dos Mil Segredos», para o qual o orgulho suspicaz do autor, de seu temperamento misantropo e talvez desconfiado, não chama a atenção de ninguem. Pois esta novela merecia longa e minuciosa autópsia. E a frio, como em anfiteatro anatómico. De relance, dê-me Rocha Junior licença para dizer, sem receio de parecer lisongeiro ou lhe desagradar, que a considero uma sorte de trecho musical da segunda ordem executado num maravilhoso estradivário. O entrecho nem sempre está certo; aquilo a que até já os marçanos denominam psicologia falho por vezes; o conceito discutivel. Mas que extraordinaria modulação a da palavra através das suas paginas; que louçanias de estilo; e que inesgotável e mordente veia á Max Twin! Mateus, «tipo de sorte», não terá a lógica e irónica altura do Abranhos, de Eça, do qual é primo-irmão. Visto na trajectoria toda estou em crer que o seu artificio circunstancial projecta até uma sombra suspeita sobre a própria figura, tão celeste e ao mesmo tempo tão natural, de Maria da Gloria. Mas recortado, segmentar—o jornalista o politico, o emigrado, o ambicioso—me parece cortado em carne viva. Bem sei que o individuo é um agregado de elementos; mas em esbater a sua fusão uns nos outros está precisamente a arte do escritor.

Gostaria que a critica conspicua, tanto a de óculos como a de bisturi, estudassem este livro singular e para ele lhe chamo a atenção como, superfluamente de resto, fez para comigo Mariazinha. Querem conhecer o metal desta novela? Ouçam esta frase cariciosa ácerca do fogo: «Não mais o farrapinho de oiro que, no bico da candeia de azeite, alumia boas velhinhas ao serão, ou, erguido no alto das velas, caridosamente acompanha os mortos na sua despedida da terra...» Querem sentir o sainete deste escritor cheio de mordacidade? Reparem nesta: definição «A voz da consciencia, apodando-me de cobarde, fazia côro com a voz agressiva da rua—essa abominável hulha parda a que se convencionou chamar opinião publica». Toda uma arcada do violino admiravel? E-la: «Convencionou-se que a infancia, barro puro como Deus a fez, representa na face da terra a substancia ideal dos anjos. Quando se diz «vox populi vox Dei», pensa-se na autentica massa popular, campesina e rude, donde poderão sair as classes civilizadas e, consequentemente, corrompidas. a criança é mais insuspeita que o povo, porque é o protoplasma do povo. Ninguem repara que, por vicio de educação a criança bebe a mentira, com o primeiro leite, na ternura soez de certas mães, cujas blandicias são todas feitas de fingimento e de artificios. «O meu menino fez chichi na cama? Não senhor, foi o gato!» E simulam papar-lhe o narizinho, e as bochechinhas e o queixinho; e ameaçam-na com um papão que nunca mais aparece; e vão-nas, enfim, habituando a compreender que todas as coisas deste mundo não passam duma mentira ppegada. Aparelhe-se porém, a ocasião de tomar a serio depoimentos infantis, e verão se alguém se atreve a duvidar do que diz uma criança: «Credo! Que sacrilégio! O inocentinho sabe lá mentir!»—AQUILINO RIBEIRO

UMA RESPOSTA

O cheiro a bafio

e varias outras singularidades

Pensei que Dutra Faria fôsse um pseudonimo. Dizem-me que não. Informaram-me até bem. Tanto pior. Devo responder. E não é facil a resposta. Não é facil pôr o que é, em vez do que *parece* ser. Porém, mãos á obra.

O meu artigo no suplemento literario do *Diario de Lisboa* a proposito do vigesimo aniversario do aparecimento de «Orpheu», mereceu uma «terça» na «poeira da semana» do «Fradique», assinada por Dutra Faria, o qual acha o meu artigo «assim pacato, com um travôr assim a saudade, e um cheiro assim a bafio».

Foi a moda dos jornais literarios assinados por pseudonimos e iniciais o que me fez duvidar de apelidos que eu lia pela primeira vez. Não se me leve a mal, e sobretudo quando emendo a mão.

Desejo dizer a Dutra Faria que o cheiro a bafio nem sempre está no que nos parece cheirar a tal, mas que se encontra precisamente em determinados narizes que pretendem trazer-se bem desinfectados!

Não confio muito em prová-lo ao colaborador de «Fradique», mas penso naqueles leitores que ficam situados entre este senhor e eu, entre o meu artigo e o seu comentario.

Começo a minha resposta:

A confusão de Dutra Faria vem logo no primeiro periodo do seu comentario ao dizer: «Orfeu, a primeira manifestação portuguesa de modernismo, ou, como então se dizia, de futurismo». Parece saltar á vista que o autor se descarta da responsabilidade de confundir futurismo com modernismo, pondo entre virgulas, «como então se dizia». Mas isto é apenas o que parece. De facto, convem-lhe esta confusão. Prova-se a seguir com a citação que faz de Marinetti, onde, afinal, a mesma confusão já é só do autor.

Não me dão espaço aqui para que eu diga o que foi e o que é actualmente o futurismo. Eu proprio já o disse publicamente numa conferencia «Arte e artistas». Tenho de resumir e talvez grosseiramente: O futurismo começa por ser um movimento exclusivamente de arte, e localizou-se por fim, definitivamente, em movimento politico.

A admiração e o entusiasmo de Dutra Faria por Marinetti é, sem sombra de duvida, meramente politica: «A batalha, ganhou-a Marinetti na Italia,—e ganhou-a inteiramente, plenamente. Mereceu pois os loiros, a cuja sombra descansa agora—os loiros que não apoucam, nem anacronizam a sua grande ansia revolucionaria».

Distingamos: a batalha ganha por Marinetti na Italia foi a batalha politica. A outra batalha, aquela que Marinetti começou primeiro nos seus memoraveis manifestos, essa, não a terminou sequer, porque foi engulida com o proprio Marinetti pelo fascismo italiano. Não calamos nós na tremenda confusão de dar os loiros de Arte a quem merece apenas os politicos. A Cesar o que é de Cesar, e á arte o que é da arte!

Quando em abril de 1930 me encontrei em Madrid com Marinetti, recordámos a sua correspondencia com os poucos futuristas portugueses, o «Portugal futurista», e eu disse a Marinetti que ele era ingrato para com os futuristas portugueses. Marinetti repeliu energicamente a minha acusação de ingrato. Porém, em 1933, Marinetti vem a Portugal, é recebido oficialmente, e não aproveita esse momento excelente para saudar generosamente os seus companheiros portugueses da revolução. Apenas á ultima hora, Marinetti procurou sinceramente encontrar-se connosco.

O que se passou? Apenas isto: o primeiro Marinetti já não tinha nada que vêr com o Marinetti II. A vitoria a que Dutra Faria se refere pertence ao Marinetti II, aquele que já não tem absolutamente nada que vêr com o revolucionario de Arte.

Tem pena Dutra Faria que eu tenha envelhecido. Dispenso-lhe a peninha. E continua: «Em Italia, bem sei, fizeram a mesma acusação (da velhice) a Marinetti—e fizeram-na sem razão. Mas em Portugal não é o mesmo caso».

Claro que não é. Em Italia a acusação de velhice foi feita pelos artistas ao revolucionario de Arte. Entretanto, os politicos ficaram radiantes com aquela grossa aquisição!

Dutra Faria acusa-me de velhice pela razão oposta porque acusaram a Marinetti. Dutra Faria pretende para mim uma justiça na acusação de velhice e nega-a para Marinetti.

E' demasiada boa vontade da sua parte contra mim. Por mais que faça, Dutra Faria, não poderá somar maçãs com laranjas. O mais que pode é continuar a trocar olhos com bogalhos.

Faz-me pensar que os gostos de Dutra Faria são mais politicos do que literarios. E é aqui que deve estar o motivo do seu comentario. Aquilo de eu ter escrito no meu artigo que «Orpheu era honradamente literário», deve ter-lhe parecido directo. Directo era, mas não exclusivo. Acho admiravel a politica para os politicos, mas penso honrada e convictamente de que o artista deve não sair do proprio do seu campo, bem mais vasto e concreto este, afinal, do que o do politico.

E ainda mais, pretendo fazer vêr como é excepcional a posição do artista, na humanidade e tambem na sociedade, e sobretudo durante o longo periodo da formação da sua individualidade, isto é, até fazer parte da élite. Talvez que em qualquer

(Vêr continuação na 6.ª pagina)

«O PROCESSO DE OSCAR WILDE»

A agonia do genio

Uns restos de elegancia e as grades duma cadeia

Interpretação de Henri Baur

O verdadeiro "Retrato de Dorian Gray" no apogeu da sua gloria

Com o titulo O Processo de Oscar Wilde *representa-se agora no teatro L'Oeuvre, de Paris, uma peça de Maurice Rostand, que é uma maravilha de emoção e de patetico. No primeiro acto assiste-se á luta entre o grande poeta e o marquês de Queensberry, pai do lord Alfred Douglas, o prevertido Bosie, amigo predilecto de Wilde. Este, cansado pela feerie da vida parece encaminhar-se voluntariamente para a perdição. Incitado por Bosie intenta um processo de difamação ao marquês, prevendo já que será condenado. O segundo acto, dividido em dois quadros, é uma reconstituição do julgamento, segundo o relato veridico. O ultimo é Wilde na cadeia, obeso, envelhecido, pedindo por piedade ao implacavel guardião que lhe dê papel e tinta para escrever. Um romance? Um poema? Não, a celebre carta a lord Alfred Douglas, que mais tarde devia constituir o imortal* De Profundis.

O Diabo

Grande semanario de critica literaria e artistica

Director: ARTUR INEZ

Aparece amanhã completamente remodelado no seu aspecto grafico

O Diabo

Um jornal europeu feito em Portugal

UM CONTO POR SEMANA

As tardes da ilusão

Para criar ambiente direi, sem receio ao lugar-comum, que a chuva cai lá fóra—*pam pam pam*—sobre o basalto despolido do largo. Entrei há cinco minutos e os meus olhos começam a habituar-se á penumbra do corredor lageado, em que os passos reboam, fazendo uma singular polifonia com a melopeia da chuva.

Venho aqui todos os dias, depois de sair do emprego. A's três e meia o banco fecha e vou buscar o chapeu ao vestiario. Hoje como chove, fui buscar, além do chapeu, o impermeavel. Despeço-me do chefe da secção: *Até amanhã, senhor Armando.* No átrio, o porteiro leva dois dedos ao *képi* (para cumprimentar os empregados importantes utiliza três dedos; quatro para os mais altamente colocados; cinco para o guarda-livros; as duas mãos para os directores—duas porque não tem mais).

Na rua recuperei a minha personalidade. Sou livre. A chuva fustigava-me, com um sadismo meteorologico. O impermeavel—chamo-lhe impermeavel, mas como custou apenas trezentos escudos é permeavel a todos os liquidos—cola-se-me ao corpo alagado. Um simples empregado de banco tem obrigação de ser insensivel á humidade. Adeus! divago... O que me preocupa agora é chegar depressa. Ontem fiquei naquele capitulo em que a donzela...

Pressinto que um vulto se aproxima; no entanto, a minha atenção não desperta por completo. Chocamos. Não foi nada. Um encontrão. Eu ando sempre distraido. Balbucio desculpas. Um simples empregado de banco tem obrigação de ser cortez.

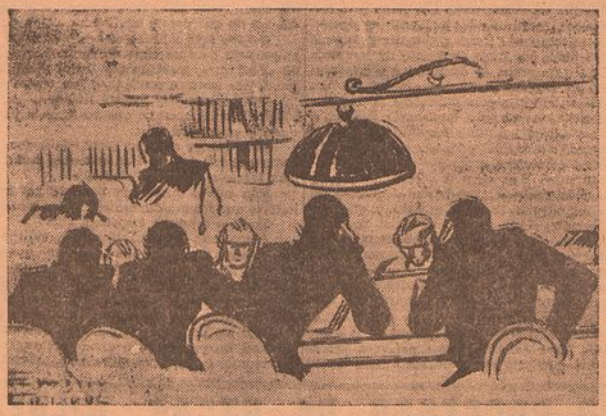
Passo a vida a cantar numeros e a conferir maços de notas. *Senha 128: quanto? Quinze mil e quarenta e dois escudos... Senha 129: quanto? Oitocentos e trinta escudos e noventa e sete centavos...* Começo ás onze. Ao meio-dia a minha voz tornou-se monocordica, como pancada de embolo. Converti-me em maquina. Os dedos são pinças mecanicas, o cerebro uma caixa registadora. As pinças mecanicas contam os rectangulos de papel fiduciario, a caixa registadora inscreve as quantias... Tenho movimentos sacudidos de roda de balanço. O meu corpo é um veio de dinamo, os braços movem-se como sem-fins, exprimo-me como um numerador automatico: *Senha 130... Senha 131...* Sou uma peça de grande engrenagem, uma peça que maneja macetes de notas, faz pagamentos, anota as cifras. A grande engrenagem recebe, concentra e distribui dinheiro, em impulsos alternados de motor: aspiração, compressão, explosão... Dinheiro! dinheiro! Ocorre-me que o meu impermeavel poroso custou trezentos escudos.

Subi uma calçada, outra calçada. Voltei á esquerda. Entrei no largo. Ontem fiquei naquele capitulo em que a donzela... Galguei as escadas, ofegando. Um patamar. Um cubiculo, uma fardeta e uma voz que me adverte: *O chapeu, se faz favor.* Deixo o chapeu. Recebo uma senha. Como se tivesse importancia! O que me interessa é saber como a donzela conseguiu furtar-se ás violencias do cinico.

E aqui estou ha cinco minutos, no corredor lageado, escutando a chuva que cai, cai sempre, monotona como numeros que eu anuncio das onze da manhã ás três e meia da tarde. *Senha 130: quanto? Senha 131: quanto? —pam pam pam; pam pam pam...*

A' direita existe uma porta, donde se escapa um feixe de luz, amarelada e mortiça. Sei muito bem: é a lampada que ilumina o balcão. Sobre o balcão, livros, muitos livros. Atrás, alguns funcionarios de guarda-pó. Oiço-os falar: *Pronto! O Monge de Cister, de Alexandre Herculano... Vá ver ao catalogo. Primeira porta ao fundo. O Dicionario Universal? Está na encadernação...*

Os sons chegam ao corredor amortecidos, como a luz da lampada. Sob o estuque em ogiva, as estantes perfilam-se, enormes. Vistas em perspectiva, lembram gigantes das historias da Carochinha. De vez em quando, surge uma servente velha, face de pergaminho—talvez pelo contagio dos in-folios. Sinto-a desde longe. Dobrou a esquina do corredor... Aproxima-se. Os passos reboam. Depois faz-se silencio. E de novo as vozes dos funcionarios de guarda-pó: *Georges Duhamel? Não temos... Quere os volumes todos?... Vou mandar buscar...*



(Desenho de Emilio Ferrer)

Cheira a bafio. Tudo isto parece pertencer a um mundo diferente. As luzes mortiças, as vozes mortiças, a penumbra, o estuque em ogiva, as estantes enormes... A servente torna a passar, batendo o lagedo com os tacões—como um fantasma calçando as botas de sete-leguas. Lembro-me dos contos da minha infancia. *E então a bruxa apagou a candeia e começou a fazer um grande barulho com a vassoura...*

Caio em mim. Já quatro horas! Demoram! Em que pagina fiquei ontem? Pagina 180, se bem me lembro. *Senha 180: quanto?* Não é nada disso! Que terá acontecido á donzela? Conseguiria o cinico?...

Entro na sala. Afinal o livro não tardou muito. Um dos funcionarios de guarda-pó entrega-mo, sorrindo-se: *O senhor Simões é freguês certo da Biblioteca. Não falta um dia...* Sorrio-me tambem. E' verdade. Mas todas essas considerações fazem parte da vida real e eu preciso de mergulhar na ficção, fugir ao quotidiano, evadir-me.

Pego no livro, vou sentar-me no lugar do costume. Faz frio. O silencio pesa. A intervalos o ruido do virar das paginas—*trr trr*—como um cantar de ralos no campo, nos tranquilos crepusculos de verão. Folheio o romance. Pagina 180... *Abriu a janela e olhou para o exterior...* Não. Pagina 181... Pagina 185. Cá está:... *do cinico. Mas a dedicada serva velava pela sua menina, como velaria pela menina dos seus olhos. Ele, o abutre, sujeitar-se-ia a um fracasso certo. Inutil prolongar por mais tempo o assedio, inuteis os seus protestos de amor, as suas juras inflamadas...*

Lentamente deixo-me absorver pelo enredo, como quem imerge com vagarosa volupia num banho tepido. Leio, leio. Uma pequena paragem, para me concentrar. Levanto os olhos e vejo um ancião de barbicha, folheando um grande dicionario, com gestos cautelosos. Apossa-se de mim uma idéa absurda: o ancião é cozinheiro e está a depenar meticulosamente um ganso. Tenho uma vontade irresistivel de rir. Ah! eu detesto os anciãos de barbichas e os dicionarios! Quero aventura, agitação, imprevisto— e, porque a vida é escassa desses beneficios, venho procurá-los na Biblioteca, sob o estuque em ogiva e a luz mortiça, mediante o preenchimento da senha regulamentar.

Recomeço a ler. Alheio-me do que se passa á minha volta. Decorreu meia hora, uma hora? Faltam dez paginas para acabar o livro. A velha serva morreu, perdoando ao sedutor da sua menina. Prepara-se um desfecho honesto, unindo a maidade e recompensando a virtude. *A pouco e pouco a jovem recuperava as abaladas forças...* Batem-me no ombro: *Senhor Simões. São horas. Desculpe. Temos de fechar.* Maldição! faltavam apenas dez paginas! *Como o senhor volta amanhã, não lhe faz grande diferença... Temos de fechar.*

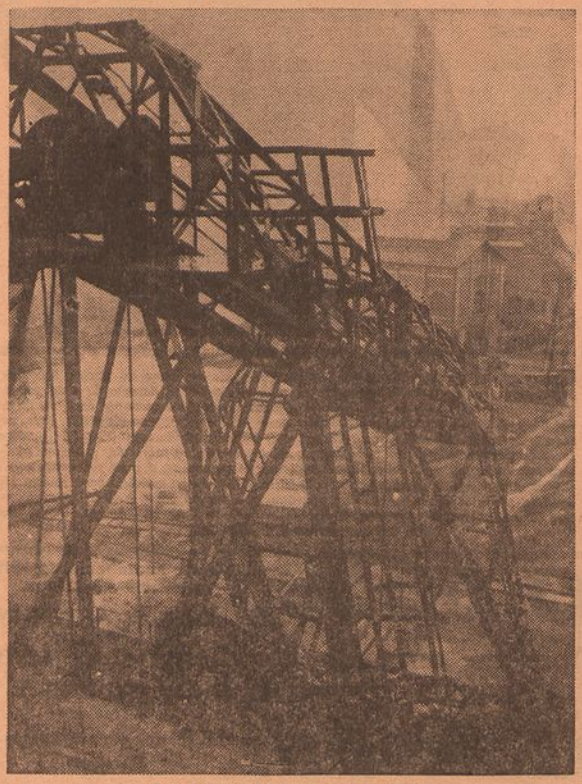
«Temos de fechar!» E' isto que o Estado me dá, em recompensa da minha colaboração diaria no mecanismo do crédito e da circulação de capitais... A's cinco horas têm de fechar! E eu caio do alto do meu enlevo, impelido pela mão do funcionario de guarda-pó—a mão dos regulamentos e dos horarios.

«O senhor volta amanhã...» Sim, volto amanhã, venho todos os dias. E acontece sempre o mesmo. Em geral leio romances de capa e espada. Não me envergono de confessar esta ingenua predilecção. Quanto a esses, vamos lá, ainda é facil de um dia para o outro, reconstituir o entrecho, reintegrar-me no cenario. Mas os outros! Uma vez pedi o *Forse che si forse che no*, de D'Annunzio. Ouvira dizer que D'Annunzio era calvo e tinha genio. Abri gulosamente o volume, saltando paginas, estremecendo com as cenas eroticas, vibrando com os lances epicos. No capitulo em que se descreve o vôo do *Ardea*, personalizei a angustia da multidão. A minha alma eram milhares de almas, o nó que eu sentia na garganta eram dez mil nós em dez mil gargantas. O avião desafiava os deuses e as leis fisicas. Subia, subia sempre... Então a pancada regulamentar no ombro e a intimação burocratica despertaram-me: *Temos de fechar...* «O quê?!» preguntei, com as cordas vocais inteiramente bambas. *Não tem importancia. O senhor volta amanhã...*

Sim, eu volto sempre, venho todos os dias. A's onze, entro no banco e começo a chamada. A's três começo a estar inquieto. *Senha 348: quanto? Mil e oitocentos e vinte escudos. Senha 349: quanto? Setenta escudos e dez centavos.* A's três e meia saio. O porteiro cumprimenta-me com os dois dedos. Subo uma calçada. Entro no largo. Galgo as escadas. *O seu chapeu, se faz favor...* O estuque em ogiva, a servente que passa, as estantes hirtas... E' esta a minha atmosfera. O resto que importa? Cansado de ser maquina, venho aqui encontrar a minha razão de existencia, nos ingenuos romances de capa e espada, que me dão aquilo que a vida me não dá nem eu me atrevo a pedir: as tardes da ilusão.

BASTOS GUERRA

A Arte Inspiradora do Metal



Fotografia de Germaine Krull

Dez minutos com

Antonio Boto

Antonio Botto é uma das *flores do mal* da nossa literatura. A sua legenda, tão fantastica como caprichosa, é talvez maior que a sua personalidade. Como André Gide, o poeta é discutido, negado com veemencia, mas tambem apaixonadamente admirado. Botto mostra-se insensivel e distante. Passeia o seu orgulho pelo Chiado, á hora que tombam as violetas do crepusculo, e com inteligente malicia, quebrando a sua voz nas ironias mais duras, deixa atrás de si um rastro sensacional de escandalo. Seja como fôr, Antonio Botto é poeta, tanto nas suas qualidades como nos seus defeitos.

Os *dez minutos* de Antonio Botto são um belo retrato do seu espirito, talvez com certa *pose*, muito retoque de artificio, mas assim mesmo vivos, na exacta fisionomia da personalidade. Documentam-no e explicam-no. Os cafés literários logo á noite hão de saborear gulosamente este depoimento atrevido, negligente, de lamina fina que se insinua, em certos lances, com a subtileza dum *passe proibido*.

Respondeu a todas as preguntas, lamentando que não houvesse mais. A primeira:

—Como é que escreve? Num ambiente azul, calido como uma salamandra e decorado de orquideas?

—Trabalho quasi sempre deitado. Ambiente não uso. O ambiente é para as senhoras.

—O que diz dos seus adversarios literarios?

—Imitam-me, copiam-me, e, depois, dizem mal de mim. Mas a culpa não é deles...

—E' caso para dizer: Benaventurados os pobres de espirito, porque deles é o reino dos céus...

Botto, pouco cristão, insiste:

—Tenho dado de mamar a muitos e tenho inventado alguns; por conseguinte, é justo que lhes sofra as consequencias. Agora com a publicação , de um novo livro meu, originalissimo, devem aparecer mais umas dezenas de imitadores e outras tantas de inimigos. Mas, estas coisas, são assim mesmo... Ainda ha pouco li um livro francês em que se chama plagiador e ensaista de quarta ordem a Anatole France; plagiador a Vitor Hugo; e poeta de trazer por casa a Verlaine. Já vê que cá e lá más fadas ha.

—Obras em preparação?

—Trabalho, com grande prazer, num livro sôbre o extraordinario chefe politico e alto espirito que é Oliveira Salazar, senhor da minha maior admiração, e estou a dar os ultimos retoques numa peça em três actos chamada *9 de Abril*—um grito firme de revolta consciente contra a guerra.

—E as *Canções*? Por que escolheu essa forma para a sua poesia?

—Porque nas minhas canções criei novas formas e novos ritmos; e novas formas e novos ritmos criarei sempre que escrever poesia.

—Gosta de Valery?

—O Valery é um charadista. Em Portugal os seus versos talvez tenham sucesso no Telhal ou no Café Chiado, que é uma autentica sucursal de manicomio. Por mim não lhes dou confiança.

—Mas diga-nos, então, quais os autores que prefere...

—Admiro as grandes almas e sou amigo dos meus amigos.

—E' alguma coisa, mas não é o que nós queriamos. Se não quere responder directamente, cite-nos pelo menos, um livro de que goste, que não seja as suas *Canções*.

—O livro de Job!

—Tem ganho muito dinheiro com as suas obras?

—Sim, os meus livros têm muitas edições. São uma especie de vinho do Porto Ferreirinha (o reclamo é gratuito porque o poeta não bebe). Vendem-se muito bem. O pior é o resto.

Ode ao Brasil

a Cecilia Meireles

O que amo em ti, — Brasil, — é a formosa princesa
Longinqua que não vi ainda. E' a fremente
Juventude a estuar que esta palavra exalta
— Brasil!
O que me prende a ti
Não é o sangue dos meus nem aquela grandeza
Donde vimos, os dois. Não é a brava gente
Que, ao luar do sertão, na azul suavidade
E no seu coração modula, ajeita, embala,
Canta a mesma canção, reza a mesma saudade.
O que me prende a ti já nem é a memória
De te haver encontrado,
Amado, possuido,
Cantado, e defendido,
Embalado o ter berço, ao épico descante,
Do pioneiro, bandeirante, garimpeiro,
Dando o seu sangue á terra, á selva, a outro sangue,
Na indómita conquista! Ou, mais heroico e puro,
Morrendo, mártir, em silencio, exangue!

De braveza, de heroismo rude, indominada
Ambição, de amor á terra e ajoelhada
Alma, o auscultar no teu seio o futuro,
De sonhos e de acção, de calvarios, de glória,
De ternura e de amor, de lutas e vitória,
Homens e coisas modelaram-te o destino.

Mas o teu coração foi um fruto divino,
O que tinha de ser, o que foi, porque em ti
Era já o poder dos futuros milagres
Que respondia, em éco, á voz de Sagres,
Ao surto heroico e violador das caravelas!

Sob o Cruzeiro, á luz doutras estrelas,
Anciava em ti, já era
Em ti, — virgem inquieta e inviolada, —
Um desejo triunfal de primavera,
O grito de alvorada,
A energia, a certeza criadora!

... Nós só fomos a hora
Que soou
Primeiro?
A boca apaixonada
Que primeiro
Te beijou?...

Nem a tua grandeza
Nem a tua beleza
Nos surpreende ou humilha.

II

— E's forte? E's môço? E's belo?
Na imensa redondeza
Do céu cabem Cruzeiro e Setestrêlo?
O nosso orgulho é só amor. Dize-lo
E' erguer um voto ao céu.

A maravilha
Que estás criando serve e exalta a Vida!

Fômos a mão de Deus no limiar duma Idade?

Sejas tu, ó Brasil, a gloria renascida
E mais alta! A mocidade
Do mundo nesta hora!

Não se extinguiu em nós a sêde que sentimos
Outrora;
Inquieta-nos ainda e queima. Nas savanas
Imensas, nas florestas, sobre os cimos
Donde se abrange o nosso mundo, a terra môça
Que regamos com sangue e o nosso amor fez nossa,
Ha muitas Fontes de Juventa, promontórios,
P'ra novos surtos!

Nessas terras estua
Já uma febre que será igual á tua,
Havemos de incendiá-la aos ventos vários,
Para criar nações, e temperar heroismos
Novos! — O nosso esforço tem calvarios,
Crepúsculos, abismos?
Mas leva em si a força dum renôvo,
Tem aleluias!

Que esperamos de ti? Que as tuas energias
Abram derrotas virginais, rasguem na historia
As portas de Hercules, — Brasil, — dum mundo novo!
Que sejas cada vez mais belo! No regaço
Trazes, no teu alôr vibrante, nosso jeito
De môço inquieto, — olhos ardentes, fibras de aço, —
Nesta hora indecisa e revôlta do mundo,
Um mundo!
Cria esse mundo! Sê divina,
Ò Terra do Brasil! Na força e na fortuna
Sê a Beleza! O amor que exalte e una
Toda a tua potencia de milagre! A disciplina
Harmoniosa que liberta e não vexa!
Sê o arco e flecha,
A energia e o alvo! O eterno instante
Que perdura!

A heroica sinfonia
Sem ocaso! A altura,
A alegria que leva o impeto de instinto
E a piedade, o amor que é a mais alta alegria!

III

Hercules moço, — desce ao labirinto
E liberta a donzela! Sê o novo Atlante
Que erga nos ombros harmoniosos e potentes
Uma cultura nova,
Uma civilização nova,
E, nos labios fermentes,

Um nunca ouvido canto!

— Pelas estrelas do Cruzeiro resplendentes
E o oiro do teu céu! Pelas esmeraldinas
Côres das tuas selvas, dos teus campos!
— Pela esfera armilar o pelas cinco quinas!

— PARA GLÓRIA DO MUNDO!
Por amor de quanto,
Nesta hora
De guerra mas de aurora,
No coração dos homens,
No regaço da terra,
Sonha, padece, luta, canta, espera

A alegria da Justiça e a Primavera!

Brava-Cabo Verde, 7 de Setembro de 1933.

Augusto Casimiro

POMBOS CORREIOS

● O grande Unamuno que propôs a sua candidatura á Academia Belga, foi batido por Colette, romancista francesa, sem duvida, de grandes meritos, mas literariamente inferior a ele. Paul Claudel que foi «pressentido», declinou o convite visto ser candidato á Academia Francesa.

● Antonio Botto anuncia para breve um livro de canções, que se chamará: «A vida que eu te dei».

● Pela «Editorial Momento» vão ser publicados os livros «Tatuagens», de Mario Fiuza; «Anão de Floresta», de Alberto Rebelo de Almeida e «Momentos», de Jorge Barbosa.

● Livros portugueses que se venderam mais durante a semana: «A Russia de Hoje e o Homem de Sempre», de Leonardo Coimbra e as «Cartas de Napoleão a Maria Luiza», tradução.

Livros franceses: «Le Quadrille de mer de Chine», de Claude Farrére e «La Procureur de la Lanterne», de Jean Martet.

● Guedes de Amorim está a rever as provas dum romance regional, que se intitula. A «Aldeia das Aguias».

● Vai sair no Porto uma revista de caracter literario, sob o nome de «Caras e Caretas».

● Bastos Guerra tem um livro de poemas a entrar no prelo, denominado: «Escala Cromatica».

● Tolstoi vai correr mundo. Apesar da sua obra não ter o agrado dos intelectuais sovieticos, a U. R. S. S. está editando varias franquias postais com a sua efigie.

● Simples curiosidade. Sabe o leitor quando apareceu a famosa caneta de tinta permanente? O primeiro «brevet» de pena com deposito de tinta foi tirado por Levis Edjan Waterman em 12 de fevereiro de 1884. Diz-se, porém, que nas ruinas de Pompeia foi encontrada uma, embora rudimentar, e que Luiz XIV tinha uma de dispositivo especial.

● Vai sair a 2.ª edição do livro de novelas de João Ameal, «Aparições».

● A Biblioteca Nacional de Madrid acaba de conferir o seu premio anual de cinco mil pezetas a Millares Carbó pelo seu livro: «A imprensa de Barcelona no seculo XVI».

● A 1.ª edição da «Nize», do dominicano Frei Jeronimo Bernardes, impressa em Madrid, em 1577, que é extremamente rara, cotada no ultimo catalgo do livreiro Coelho por sete mil e quinhentos escudos foi agora vendida para Madrid por esse preço. Não existe em Portugal nenhum exemplar dessa edição.

PANORAMA LITERARIO PORTUGUÊS

Rodrigues Migueis

num incisivo depoimento afirma que a literatura se libertou das disciplinas

RODRIGUES MIGUEIS

A obra de Rodrigues Migueis repudia em absoluto o pessimismo cruel que, por vezes, se filtra através deste seu admiravel depoimento. Rodrigues Migueis é uma das poucas figuras homem inteiro de sensibilidade e de inteligencia, que se destacam no cinzento morto de deserto, que é a nova geração. Não importa donde vem, nem as suas coordenadas ideologicas, nem mesmo o que quere na sua ansiosa conquista emancipadora. O que sabemos é que Migueis, com os seus poucos anos, a sua carta inutil de bacharel, o seu universalismo intelectual, é, sem contestação, um condutor extraordinario de idéas, rocha em bloco que não se desagrega e sobre a qual, vindas de longe, trazidas pelo vento misterioso, em impeto de rajada, ha sementes doiradas que procuram converter-se em pão espiritual, Migueis triunfou com a sua obra. Antes do aparecimento da «Pascoa Feliz» ninguem o conhecia. Instantaneamente, o seu romance, de sombra e dôr, zebrado de lagrimas, impiedoso de analise—onde ha dedadas de Doistoevsky, mas de inspiração pessoalissima, atirou-o para o galarim das celebridades. A sua atitude sinceramente modesta corrigiu todos os louvores. Ficou igual a si mesmo na exacta medida dum talento, que não se serve da rua, nem das «élites», para criar, antes encorpora na viva substancia da sua carne e da sua alma, uma obra que, sob todos os aspectos, é alma grande e nobilissima vitoria espiritual. Quando se pregunta quem ha entre os novos, olhando para o nascente, forçosamente fixamos o vulto franzino deste rapaz, cujas mãos limpas, mas energicas, acabam de traçar um documento, que assinala uma data, na historia mental do nosso país.

—Quais as caracteristicas da actual literatura portuguesa?

—A função primordial da literatura de ficção é a de recreio, de prazer. Ora a literatura portuguesa actual não recreia mal, não interessa, não arrebata. E' pesada e fatigante, sem ser rica de conteudo... Nisto, como em geral, carecemos de paixão, de devoção verdadeira pela obra. Não confundamos paixão com impulsividade: a paixão implica uma tensão permanente de todo o ser para o objecto. Por outro lado, «prazer» não significa vulgaridade nem superficialidade: Eschilo e Shakespeare apaixonaram as multidões do seu tempo... Eis o verdadeiro timbre do genio—que nos falta: profundidade e contacto com os homens...

«Sofremos de inquietações comicas, de pressa absurda: temos pressa de chegar, de obter um lugarzinho entre os velhos, os consagrados... Todos queremos ser velhos! A noticiazinha no jornal (que dizemos desprezar) é para nós o auge da felicidade!

«A' nossa linguagem literaria, como á nossa gente, falta-lhe gimnastica; a cada passo tropeçamos com a falta de termos precisos para definir o impreciso, de formas definidas para fixar o indefinido... A falta de cultura, de agilidade intelectual, é outra caracteristica da nossa literatura... Ha muita erudição, muita leitura, o que é diferente da cultura. Empregamos uma linguagem de aproximação, de indecisões, sob a qual em vão tenta esconder-se uma ausencia total de verdadeira profundidade... Substituimos a pintura á literatura... A riqueza do vocabulario, a «bizarria» de certas formas, de certos «trucs», ainda tornam mais inquietante o imenso vácuo.

—Quais, então, as qualidades que devem concorrer no homem de letras?

—O gesto puro do acrobata, do ballarino, «facil» na aparencia, é porém o produto duma série de tentativas laboriosas, destinadas a despojar o movimento de tudo o que encerre de impreciso, de aproximativo, de desnecessario ou grosseiro... Ha decerto o impulso criador, a visão global—mas ha depois o esforço da elaboração... De resto, os grandes improvisos só vêm depois dos longos exercicios. Deixe-me acrescentar que a «imprecisão», como efeito desejado, requere uma extraordinaria precisão de tecnica... A nitidez, a fluidez, a tessitura solida, resultam duma lenta e dolorosa compreensão das formas, a qôe o genio ou a longa experiencia podem, reconheço-o, poupar o escritor... Antes de tudo, o escritor deve ser capaz de arrebatamento, de eloquencia (Oliv. Martins, o Eça); depois tem de ser um obreiro implacavel: um «oficial» das letras, um tecnico, e um critico ferozmente inteligente, racional... Ora isto é raro, agora, entre nós: alguem pode negar que a eloquencia criadora (e por isso mesmo original) desapareceu? E, com ela, a honestidade dos processos, a tenacidade, o amor da perfeição? Decerto, temos um ou dois prosadores de forte envergadura: mas que nos contam, que nos dizem, que nos revelam sob a fachada possante do seu estilo?... Ha uma queda real dos valores literarios.

«A's obras falta equilibrio, clareza, densidade real (coisa diferente do volume!), elasticidade. A' prosa clara, densa, elastica, chamam-lhe os portugueses «pobre», confundindo simplicidade e nitidez com pobreza—e pompa, redundancia, com riqueza... Na cozinha e na literatura somos assim: importa-nos a aparencia, a quantidade—o «entulho», mais do que a substancia realmente nutritiva... Que fizemos da lição de Antero e de Ramalho, de Eça e de Martins, que nos deixaram «feita» uma lingua literaria, capaz de exprimir tudo? Transformámos a feira das letras em museu arqueologico... Ou então julgamo-nos desobrigados de escrever como artistas—e escrevemos como cabos de esquadra. Se falamos em limpidez vêm-nos com o Manuel Bernardes: a limpidez da agua-chilra! Ou respondem-nos com o misterio, a intuição, o subjacente—como se o misterio das almas, da criação, tivesse alguma coisa que vêr com os enigmas da composição! O misterio, só o pode revelar quem fôr nitido, racional, penetrante. A epilepsia não nos explica a epilepsia... Só a lucidez a explica.

—Tem razão!

—Pobreza desoladora de temas. Provincianismo bafiento. Todas as inquietações do nosso tempo, tão rico de motivos, tudo o que é essencial, está fora (ou quasi) da nossa literatura. Onde está o romance das uossas lutas politicas? Que deu de si a guerra? E os problemas morais e sociais—a subversão dos valores? Habitos imperceptiveis, tentativas falhadas, especulações sem sinceridade, sem sangue e sem nervos... Divorcio, por isso mesmo, do povo e dos letrados. Os raros livros que, entre nós, foram buscar inspiração ou vocabulos ao povo, são-lhe inacessiveis. Não se escreve para o povo—não curo agora de saber porquê. Uma literatura que não responde ás interrogações da sua época—pelo menos—está condenada ao esquecimento. Não vá supôr que eu quero a literatura acorrentada aos sistemas... Não. Mas a propria literatura desinteressada, sem «partiris», convicta de neutralidade, tem de mergulhar raises na realidade social e moral do seu tempo e abrir as asas no espaço livre!

—Ha maneiras subtis...

—Morte da sinceridade! Mas nem isso... O escritor mais alheio á politica sente hoje que a politica lhe entrou sobrepticiamente em casa, lhe entrou na obra, não para inspirá-la—mas para lhe impôr figurinos e restrições... O preconceito anti-cientifico armou em juiz—e em policia de costumes. Os escritores não são culpados? São-no alguns—pela sua acomodação, ou porque acordaram tarde para a defesa da sua arte.

—Afirma-se que o publico se desinteressa...

—Um povo iletrado, e sobretudo pobre, não pode, é certo, corresponder ás tentativas duma literatura ousada, ou simplesmente independente; nem servir de base ás acrobacias duma «élite»... Certas razões subsistem—de ordem como dizer? moral...—que quebras todo o contacto entre os letrados e o povo. Por outro lado os escritores que pensam, e não são muitos, sentem-se esmagados ao peso dos problemas, das responsabilidades. O homem, em nós, mata o escritor... A fantasia parece-nos um crime—diante da espantosa realidade.

«O escritor dotado de consciencia sente-se despopularizado: reflecte assim o deslocamento que se observa nos factos. Diante das lagrimas silenciosas que correm pela face interior do mundo, cai-nos das mãos a pena... Em vão, pelas esquinas, o realejo do optimismo tenta reconfortar os homens... Pense na gravidade com que um Anatole, um Shaw, um Gide (e propositadamente os isole dum R. Roland) rematam as suas obras desconcertantes...

—Que fazer, pois?

—Recuperar o sentido do humano. Pôr a vida a falar. Abandonar inuteis e cansadas inquietação que tortura a maioria dos humanos, ocupam em explicar), e correr ao encontro da inquietação que tortura a maioria dos humanos, dar-lhe forma, e expressão, talvez remedio... Isso implica sacrificios, bem o sabemos!

—Parece que se define uma escola?

—Não o creio. Há quem a deseje—com palmatoria e tudo. Não, a literatura libertou-se das disciplinas. Pode morrer—mas morrerá indisciplinada... A Europa viveu uma época de optimismo real—com o progresso, a expansão imperialista, o reformismo, a crescente actividade economica, *et tout le bazar*... A entrada da grande curva da crise trouxe a inquietação, o subjectivismo, o nacionalismo, e o mais que sabe. Mas a cultura habituara-se á independencia, as artes viviam na liberdade dos processos e dos temas—e é em vão que tentam suborná-las... E' um largo motivo para reflexões...

—Mas ha, pelo menos, tendencias, certo ar de familia...

—A literatura de analise, o subjectivismo inquieto, a «recherche» do eu... O individuo, sentindo-se ameaçado, reagiu, indagou, buscou-se. A literatura russa, nestes trinta anos, enxertou no Ocidente os seus emas e processos psicologicos. Entre nós, apareceram nos ultimos tempos algumas tentativas dessa literatura, mas tão timidas, tão frouxas, tão pouco arejadas... Acanhamento do meio, e sobretudo confusões sobre a «maneira» psicologica em literatura. Sente-se a intenção. Ora a arte é vida, ou revivescencia—e não ensaio, nem ciencia. E' preciso banir da literatura os figurinos, os «temas», as receitas, os problemas imaginarios. Por exemplo—Freud invadiu a literatura. E' horrivel—sobretudo depois de Freud... O romance quere «casos», e não tipos, nem desenvolvimentos preconcebidos. A verdade é que Dostoiévski nunca leu os tratados—e os psicologos aprenderam imenso na sua obra.

—Pode marcar valores?

—Respondo-lhe antes com outra pregunta: por que razão leio um Jorge Amado com paixão, um Lins do Rego com interesse (e ambos têm muitos defeitos)—e aos portugueses, novos e maduros, os leio quasi todos como quem faz penitencia?... Ha com certeza talentos, capacidades, sensibilidades, e um ou outro gigante da prosa: mas alguma coisa os retém de nos darem a sua plena medida...

—Formas literarias...

—A'parte a poesia, que ganhou em pureza, em intelectualidade, o que perdeu talvez em vibração—é no genero das «impressões subjectivas» que se têm situado os melhores valores: nisso é mestre um M. Teixeira Gomes, que é tambem um admiravel contista. Aquilino pontifica no conto, que é para mim o melhor da sua obra (aliás, com raras excepções, os seus romances são grandes contos). O «genio» português continua a ter acesso dificil ao romance: pense em Raul Brandão, cuja obra é apenas a materia-prima, a substancia genial de romances que deixou por escrever; em Aquilino, cuja prosa inigualavel dilui, retarda a pouca acção que ha nos seus livros, e lhes esfuma os caracteres; em José Regio, poeta rarissimo, que nos deu no romance paginas que roçam pela teologia... Fieis á prosa, mais do que ao seu uso; ás reflexões e divagações subjectivas, mais do que ao interesse dos personagens e do leitor; á passagem, mais do que á acção—dificilmente os nossos romancistas são dignos deste nome.

—Rejuvenescimento ou crise?

—Coisas vivas e coisas mortas, como em todos os tempos. Porém, mais as mortas do que as vivas... Mas uma grande efervescencia, precursora talvez doutra hora fulgurante... Ninguem pode profetizar!

—O genio literario, instintivo, desapareceu?

—Não creio nos instintos (não sei o que sejam) desde que li G. Bohn, Verlaine e Loeb... O genio é uma resposta a condições pessoais e de ambiente. Gil Vicente seria agora apenas ourives, e, quem sabe? esse homem que aí vai arrastando os pés poderia ter sido bobo do Principe-Perfeito...

—Parece-lhe que haja ambiente favoravel ao fenomeno literario?

—Favoravel sobretudo aos «fenomenos»... Mas creio ter-lhe respondido já. Para comer um bom jantar, não basta que a mesa esteja posta: é preciso pôder engulir... O artista, como sabe, não vive só de recompensas: vive sobretudo do fervor. A criação exige perspectivas, horizontes, asas...

—O que se lê?

—Lê-se muito. Mas poucos lêem. E o que menos se lê, é o que mais se leria, se lêssem todos os que deviam lêr, e lêssem tudo o que não podem...

—A critica e o ensaio?

—Não os concebo senão como obra de lucidez, de penetração, de explicação: sejam quais forem a escola, o metodo, os interesses, o objecto do critico, do ensaista. Dos vivos, excepção feita dum Sergio, mestre de logica e de objectividade; dum Proença, paixão lucida no fervor do combate—tudo o que ha feito são considerações subjectivas, impressões, confissões, literatura de literatura, misterios de misterios, erudição, ... e enfim, charlatanice. Como pode haver critica onde não ha pontos de vista seguros, reflexão rigorosa sobre os problemas, experiencia, cultura vasta?

«No capitulo do ensaio erudito, Vitorino Nemesio ocupa hoje as nossas admirações.

—Que sairá de tudo isto?

—Como vê, sou ferozmente pessimista. Mas asseguro-lhe que não sofro torturas pelo facto de não esbarrar a cada passo com um homem de genio ...Os genios foram sempre raros e dificeis, e a agitação em que vivemos não passa talvez dum turbilhão de poeiras, descontentes com as suas proprias vidas, revoltadas contra um deus risonho e divertido—que não fez delas astros...

O cheiro a bafio e outras singularidades

(Continuação da 3.ª pagina)

outra posição do humano que não seja a do artista, o unico caminho deva ser o politico. Não o sei nem me esforço por não ignora-lo. Porém, quanto ao artista, estou seguro, não o é. A necessidade de conhecimento do humano em Arte impede o artista de todo e qualquer desvio desta direcção unanime.

Tenho que ficar por aqui. Sem querer respondo o resto num trabalho que conclui antes de escrever o meu artigo sobre o «Orpheu». Chama-se «Arte e politica» e sairá a publico muito brevemente.

Para terminar desejo dizer a Dutra Faria que ha vinte anos, quando apareceu o «Orpheu» e escrevi o «Manifesto anti-Dantas e por extenso», tinha eu exactamente vinte anos de idade. E se fosse com essa idade que eu tivesse de responder a Dutra Faria não era nos termos de hoje que eu o faria.

Dei bastantes provas de que no «genero besta» tambem me entendo, embora com os anos cada mais o evite.

O meu artigo desafiava a polemica, enquanto que o comentario de Dutra Faria ao meu artigo, sem entrar na polemica, é apenas implicativo.

De modo que respondo a Dutra Faria por três razões:

Primeira, a de não ser um pseudonimo.

Segunda, pelo respeito que me merece este assunto que aqui trato.

Terceira, e é principal, por reconhecer que Dutra Faria faz parte de qualquer maneira da mocidade portuguesa, essa mesma que eu desejo servir lealmente com toda a dignidade das minhas posses.

Lisboa, Março, 1935.

JOSE' DE ALMADA NEGREIROS

RUTHER.— Usado diariamente revigora os cabelos tornando-os soltos e brilhantes. Destina-se principalmente a todas as pessoas que desejam readquirir a coloração dos seus cabelos de uma forma lenta, progressiva, **sem dar nas vistas**.

A' venda na **Farmacia Portugal**, Rua Augusta, 216.

O RESTAURANTE «CHIC», da praça dos Restauradores, aberto toda a noite, dá garantia de asseio porque tem uma cozinha modelarmente montada e uma «Frigidaire» que mantem os mariscos, carnes e peixes, nas melhores condições de consumo.

Serviço á Carta, rapido, abundante e perfeito.

Notas em circulação

A posição do intelectual na sociedade moderna é curiosamente apresentada por Max Brod no romance ha pouco editado em Amsterdam «Die Fran die nicht enttaucch» (a Mulher que não decepciona). O heroi do livro é judeu e alemão — e nem judeu nem alemão quere deixar de ser. Daí um primeiro desterro. E' amoroso sentimental, e a mulher que adora desiludiu-o, desterrando-o tambem da ambicionada patria do coração. A idéa, o tema fundamental de Max Brod, parece ser, portanto, que os intelectuais só poderão viver a sua vida plena longe do mundo e dos choques e combates inevitaveis.

Idéa velha, mas poderosamente e originalmente desenvolvida e corporizada pelo romancista. Ocorre preguntar, porém, se independentemente dos meritos do livro, dele se recebe algum estimulo ou ensinamento aproveitavel na hora que passa, cada vez menos propicia ao isolamento do artista. Parece que não. A «Torre de Marfim» deu o que tinha a dar, isto é, pouco ou nada, porque nem os mais intransigentes defensores das suas virtudes de abrigo deixaram de ouvir e «querer» ouvir o rumor das multidões falsamente desprezadas. O êrro está, afinal, em julgar que a obra do escritor é um «monologo», um simples e orgulhoso monologo, proferido nas alturas, quando se trata sempre, afinal, dum «dialogo» com um necessario interlocutor, visivel ou invisivel:—o publico. O dificil é, apenas, não pretender nivelar-se aos gostos, exigencias e preferencias dest[illegible] sinceridade do poeta, do criador e tra[illegible]ssor de emoções e simbolos, de bel[illegible] e de verdade, consiste essencialmente em não modificar o sentido e a forma das palavras a dizer—para agradar aos outros. Eis tudo. Mas fugir ao convivio do mundo é, como bem o mostra Max Brod, coisa impossivel. O problema mais grave da inteligencia contemporanea é precisamente o contrario:—«ver, sentir, compreender melhor a vida, unico modo de vencer e dominar melhor seus redobrados ataques á nossa paz interior e, portanto, á lenta maturação das concepções literarias e artisticas, na vida, em suma e só na vida inspiradas...

■

A paixão dos escritores e artistas pelos espectaculos de circo é já antiga. Até os preciosos Goncourt á vida dos acrobatas foram buscar o assunto de um dos seus mais belos livros:—«Os Irmãos Zumganno». Mas, em parte o tema está ainda pouco aproveitado.

No ultimo numero da «Nouvelle Revue Française» Adrianne Monnier explica-a e justifica-a pitorescamente: «O circo é talvez o mais vital de todos os espectaculos. E' um lugar cheio de encantos simples e poderosos. Encanto das recordações da infancia. Encanto mesmo da forma do circo, do seu perfume, do seu rumor. Encanto do ritual que preside ás entradas e aos exercicios».

E' assim, na verdade. A magia do circo marca e compõe-se de mil e um sortilegios indiziveis, e de não sabemos que lirismo perene, que a serena coragem dos trapezistas, a graça das «écuyéres», o riso dos palhaços, os equilibrios dificeis em que a força despendida não se vê nem sequer se pressente, mantêm vitoriosamente. Não haverá porventura filosofia no circo—mas ha decerto uma filosofia da arte em que as suas realizações devem caber á vontade.

ROSA DOS VENTOS

NOVELAS EROTICAS

O titulo do livro pode, porventura, assustar os moralistas. O autor, porém, teve a lealdade de confessar que se trata de «leitura para adultos» e fez da sua obra uma tiragem reduzida, que não chegou a entrar no mercado.

Coloca-nos, assim, mais á vontade para falar dum livro que não tem intuitos comerciais e muito menos pretende explorar o lado escandaloso.

«Novelas eróticas» representa apenas a necessidade que um espirito elegante tem de fazer algumas confidencias a uma duzia de pessoas que o compreendam e não lhe deturpem as intenções. Claro que não se trata dum livro auto-biografico, mas as suas paginas respiram uma tal frescura e são escritas com tanta sinceridade, que através desta ou daquela narrativa sente-se o poder de sugestão da coisa vivida, embora a fantasia seja chamada a colaborar com a realidade, a emprestar-lhe ainda um tom mais realista, se é possivel.

E o que nos encanta, sobretudo, neste livro de Teixeira Gomes é a ausencia de composição literaria, a espontaneidade do estilo, que sem deixar de ser elegante e rico, tem a clareza, a concisão e a simplicidade duma pagina modelar de reportagem.

Viajante infatigavel e culto, que percorreu o mundo em varias direcções, os seus olhos encheram-se de beleza e guardaram intactas as recordações de que hoje se alimenta a saudade. São desse tempo, embora reproduzidos hoje com uma fidelidade que os anos não atraiçôam, os episodios que Teixeira Gomes revive neste seu novo livro, em que se afirma um novelista moderno, empolgante, sadio, tanto no traçado geral da construção literaria, como no desenho sugestivo e vigoroso das figuras, que se destacam das paginas do seu livro com uma riqueza de conteudo e uma nitidez de contornos surpreendentes.

Julia, Camila, Margareta, Cordelia não são apenas evocações nebulosas duma boemia elegante e nómada em que o autor consumiu os melhores anos da sua mocidade; são figuras reais, que surgem dum passado distante animadas por um sopro de vida, como se em vez de as descrever em prosa, o escritor as esculpisse em marmore. Sentimo-las viver, sorrir, sofrer, amar a nosso lado; erguem-se diante de nós, ora com uma expressão magoada, ora com um grito vitorioso nos labios, que têm uma sêde insaciavel de viver; acabam por nos ser familiares e por se apoderarem do nosso espirito com uma obsessão de beleza em que deve haver tambem, aqui para nós, uma pontinha de inveja.

No seu exilio voluntario da Argelia, aonde o levaram as desilusões da politica e a paixão do Islam, esta nobre figura de português e de escritor sente a necessidade duma convivencia espiritual que lhe falta e resolve-se então a conversar com as suas proprias recordações, que constituem uma fonte inesgotavel de assunto literario.

A leitura do seu ultimo livro deixa-nos apenas um desgosto: o de não convivermos mais a miudo com o espirito helenico de Teixeira Gomes, através duma obra literaria que tem, como as pedras preciosas, além do seu valor intrinseco, o prestigio da raridade com que o autor se mostra nos escaparates das livrarias.

NORBERTO LOPES

A traição de Maeterlink

...*Sr. Director*—Como num dos ultimos numeros do «Suplemento», a pagina literaria que v. muito superiormente dirige, se referia á entrevista com Maurice Maeterlinck, inserta nas *Nouvelles Littérares*, e á melancolica que sentiriam os admiradores do poeta, venho confessá-la.

Tambem li essa visita de Pierre Daye em Orlamonde.

Como grande admirador da obra, fiquei muito desiludido do homem. Não encontro harmonia entre a sua magnificente residencia e toda a simplicidade que se aspira em tantos dos seus pensamentos. Aqueles marmores pesam-nos; aqueles salões enormes esfriam-nos de vasios e inuteis.

Não, não é esta a moldura propria para as suas obras.

Que olhe «o mar calmo, dum indigo quasi violeta», que tenha terraços com flores, compreende-se, sente-se que se casa com o seu espirito, com aquilo que nos habituámos a encontrar nas suas meditações.

Mas, isto é um palacio de Principe e não um abrigo de Humilde.

O seu deslumbramento pelo *magnifico* vê-se ainda na infantilidade com que aprecia Mussolini. «*Mussolini est un trés grand homme. Nous avons été reçus avec magnificence*».

E' lamentavel tanta cegueira terrena em quem se acostumou a penetrar nos misterios dos grandes espaços.

E' através dum presente de vinte e quatro garrafas dum bom vinho que se avalia um Estado, uma forma de Governo?

Onde está o Maeterlinck de boavontade do *Nosso dever social?* Não esqueço aquele: *assentemos lealmente a grande verdade: para aqueles que alguma coisa possuem, ha só um dever certo—despojarem-se do que têm, por forma que se coloquem no estado do povo que não tem nada.*»

Depois, as suas responsabilidades intelectuais e a sua longa experiencia da vida não consentem aqueles «Talvez...» nas respostas, quando interrogado sôbre a influencia das religiões no povo.

E, sobretudo, o que me entristeceu, como a Pierre Daye, foi a sua confissão de *fermé* á musica.

Que grande lacuna!

Como compreender o seu grito diante dos jardins e vales de Provença: «*Helas! que de beautés se perdent en ce monde! Voici de quoi nourrir nos yeux jusqu'á la mort! Voici de quoi cueillir des souvenirs qui soutiendraient nos ames jusqu'au tombeau! Voici de quoi fournir a des milliers de coeurs le suprême aliment de la vie!*»—se fecha os seus sentidos e a sua alma a outras flôres e a outras paisagens dum mundo mais abstracto mas não menos harmonioso, onde os nomes de Beethoven, Mozart e Shubert, entre outros, aparecem como montanhas?

Eu, que amava admirá-lo no esplendor da sua Obra, como Artista que nos faz balouçar entre grandes eternidades, sinto uma enorme descrença da vitoria do espirito. Se Maeterlinck, que foi um paladino optimista dos tesouros espirituais, sem os ascetismos impraticaveis dum Tolstoi, com todas as probabilidades de nos dar com a sua vida o exemplo que na sua obra era guia através do verbo, se encontra nesta encruzilhada tão pouco animadora, que poderemos esperar?

Sente-se já a sua falta de mocidade. O seu ultimo livro *Avant de grand silence* é já através das suas insistentes meditações sôbre a morte—*essa chave de segredo da vida*—como quem se agazalha para um bom sono...

Enfim, sr. director, como julgo que alguns dos admiradores do poeta serão concordes nestes reparos, peço a v. a subida fineza de publicar esta carta, o que desde já muito lhe agradeço, subscrevendo-me, com a maior consideração—*Adriano de Gusmão.*

Comemorou-se em Paris o cinquentenario da publicação do «Germinal». Festa na Sorbonne, discursos, evocação entusiastica do formidavel labor do épico poderoso que foi Zola, cujo nome e obra voltam de novo, depois de passageiro eclipse, a ser estimados e glorificados. E bem o merecem. O autor dos «Rougon-Macquart» era, pelo genio forte e pela vontade persistente de não aceitar influencias alheias, uma personalidade excepcional. Aos vinte anos já escrevia a um amigo:—se escolher definitivamente a carreira literaria, quero seguir nela a minha divisa—tudo ou nada!». E, de facto, cumpriu, realizou as suas nobres ambições, não sendo um sabio, como pretendia, não criando o «romance experimental», como julgou, mas deixando uma serie de volumes de singular e impressionante dinamismo, que o impuzeram á atenção e ao respeito de todos. Zola não receava os ataques da critica, antes os desafiava. Caracter integro, energia inquebrantavel, a luta de idéas seduzia-o, e gostava que os seus livros provocassem celeuma, preferindo-a á melosa e louvaminheira aceitação das turbas. Até nisso dá uma esplendida lição aos susceptiveis literatos do nosso tempo, que se consideram ofendidos se alguem discute ou nega o brilho de seus faceis triunfos! O homem que, tendo fixado um plano de trabalho em 1868, o efectuou durante vinte e cinco anos, sem desfalecimento—da «Historia dos Rougon-Macquart», planeada e iniciada nessa data, saiu o ultimo tomo em 1893—só, aliás, por fraqueza moral tomaria outra atitude. Bem previa ele, ao começar, que a tarefa longa e dificil não recolheria logo o aplauso geral dos camaradas, da Imprensa, dos leitores. Mas não hesitou nem se arrependeu nunca. «O despreso, a injuria, o odio, forneceram as mais das vezes os elementos principais dos julgamentos dos seus contemporaneos», diz um moderno comentador de Zola. Assim aconteceu, sem duvida, Zola, porém, dominou, venceu tudo, e, no fundo, «devia estar, se não satisfeito, pelo menos contente». Não surpreende que o estivesse. E' que adivinhava, ou tinha a certeza, talvez, de que a mais alta vitoria dos artistas e escritores verdadeiros, lha oferece a posteridade, tecendo-a essencialmente não do efemero louvor do momento, mas do valor imutavel que nas suas obras porventura exista.

No recente livro de Giovanini Papini «Pietra Infernale» encontramos, como em todos os livros do grande prosador italiano, estilo perfeito e ardoroso impeto espiritual. Recolha de artigos de polemica, um deles revela-nos fulgurantemente o processo psicologico da conversão de Papini ao catolicismo—tão falado e tão discutido em todos os meios literarios do mundo. A frase que termina esse notavel ensaio, cujo titulo é «A Religião basta-se a si-mesma», explica-nos bem a nova mentalidade e a emoção mistica do escritor:—«A vida religiosa concebe e realiza sinteses tais que nem a mais temeraria dialectica é capaz de concebê-las». Palavras de profunda ressonancia, da alma, que desvendam muito da cativante personalidade do pensador e artista famoso, autor do «Gog» e de outras obras-primas, universalmente admiradas.

O CAFÉ-«CHIC» serve optimos bifes e explendido café á chavena.

PANORAMA INTERNACIONAL

Os politicos e a literatura

«Les Annales» interrogou alguns homens publicos franceses sobre as suas leituras e predilecções artisticas.

Verifica-se que, num país de letrados e altas culturas intelectual, alguns homens publicos têm a franqueza de dizer que não lêem por não terem para isso o tempo necessario.

E' o caso, por exemplo, de Pietri, actual ministro da Marinha, que confessa não lhe ser possivel dedicar-se á materia literaria por se dedicar, inteira e exclusivamente, á sua função publica. Diga-se, de passagem, que este politico ainda ha dias fez editar um livro que mereceu os elogios incondicionais dos criticos e dos entendidos, sobre «A Reforma do Estado no seculo XVIII».

Georges Mandel, cuja aptidão humoristica corre parelhas com o seu real talento de estadista, tem muita consideração pela opinião publica, mas não se julga por isso obrigado a confiar-lhe os seus segredos. Paul Reynaud não lê senão livros que tratem da crise mundial e das soluções de carácter economico e financeiro que para ela apontam os entendidos. Esta modalidade literaria chega para ocupar as melhores horas sua existencia.

Um homem que lê muito é o néo-socialista Marcel Déat.

Os novos constituem a sua principal preocupação. De Jean Richard Bloch a André Chamson, dr. Jules Romains e Paul Valéry conhece todos e sobre todos tem opinião fundamentada. Que dizer de Eduardo Herriot? A sua resposta é a dum Estado que, mesmo na politica, e sobretudo na politica, nunca perdeu as suas admiraveis faculdades de artista.

Um helenista

A França acaba de perder em Maurice Croiset um dos seus maiores eruditos.

A sua vida simples e laboriosa foi inteiramente dedicada ao estudo do helenismo, sobretudo da literatura grega.

Em 1917, no periodo intenso da guerra, fundou a Associação Guilherme Budé, que restaurou em nossos dias o humanismo fecundo da Renascença. Deixa uma obra consideravel: As idéas morais na eloquencia politica de Demostenes, *tese de doutoramento;* Aristofanes e os partidos politicos de Atenas, *e, sobretudo,* A civilização da Grecia antiga *e a* Historia da literatura grega, *verdadeiros momentos de critica e de evocação, que honram a ciencia e as letras gaulezas. E' curioso que determinadas suposições feitas por Croiset acêrca das peças de Menandro foram confirmadas por uns papiros recentemente descobertos. O sábio não se enganou. Pode dizer-se que a Grecia mutilada ou perdida, nas brumas do tempo, ressurgiu luminosamente na alma deste erudito que era ao mesmo tempo um artista de fina e penetrante sensibilidade.*

O Ultimo Carnaval Romano

Mussolini: — Por Bacho! A Africa para os europeus!...

Biblioteca Sirey

Depois de ter editado alguns volumes valiosos de Arturo Alessandri, Kelsen, Adolfo Posada e Maurice Amos sobre materia de direito constitucional, a Biblioteca Sirey publicou ultimamente um trabalho do seu director Joseph Barthélemy sobre o problema politico francês.

Dada a sua actualidade não queremos deixar de lhe fazer desde já uma referencia, embora a obra de Barthélemy mereça mais largos comentarios.

Um marinheiro-poeta

Desapareceu agora uma curiosa figura literaria do pré-hitlerianismo: O poeta Ringelnatz, que morreu com cinquenta e dois anos num sanatorio.

Ringelnatz era um antigo marinheiro, cantor de cabaret, que recitava as suas proprias composições. Tinha, de facto, um lirismo vivo, talvez cruel, impregnado das miserias da guerra. O seu livro Cento e três poemas publicado ha dois anos, se não foi a gloria que já a tinha, representou no entanto a sua consagração. Publicou tambem numerosos livros de prosa, entre outros, Cartas de viagem dum artista e Livro para confundir as crianças.

As suas melhores obras, são, todavia, a Minha vida antes da guerra *e* Como marinheiro na guerra. *O ultimo pode contar-se como um dos melhores escritos pelos combatentes de todos os paises.*

Revela-nos os motivos porque se revoltou, no fim da guerra, a armada alemã, condenada a uma sorte de inação sem repouso.

Literatura inglesa

Um dos escritores ingleses que estão agora em foco é Richad Aldington. Companheiro literario de Lawrence, a quem dedicou dois ensaios admiraveis, Aldington é dos mais curiosos e penetrantes escritores do momento europeu. Pertence á geração dos vinte anos que fez a guerra, mas na sua obra não a explora em fanfarras de heroismo ou em miserias morais e fisicas levadas ao extremo como tantos outros.

Analisa-a, indirectamente, nas suas ressonancias, nos seus traumatismos psicologicos, nas suas misteriosas reacções, com o desespero, a piedade e a colera dum nobre coração. A guerra não existe nos seus livros, mas está presente — personagem invisivel, mas empolgante, dum cruel poder negativista. Lawrence deve tê-lo impregnado de delirio sensual e do culto do organismo vivo, que caracterizam os seus livros, dando-lhe tambem o corrozivo satirico, que é um dos elementos da sua inspiração tragica. Extrema os seus personagens em dois campos. Num coloca os que lhe são simpaticos, participando das suas alegrias e dos seus sonhos; no outro, as criaturas que lhe são hostis, os conformistas e os homens de negocios pouco escrupulosos, que nada vêem a não ser o interesse. Os seus livros deixam uma impressão de tragedia, não um tragico humano, mas ambiente, que segrega o mundo.

Ha que lêr de Aldington, a Morte dum herói, Todos os homens são inimigos *e as* Mulheres devem trabalhar, *este recentemente publido, que é a historia duma rapariga que conta os seus sucessivos esforços para encontrar um pouco de felicidade, que a guerra destroi para sempre.*

O Creme Tokalon não gorduroso Alimento para a Pele (Côr Branca) penetra instantaneamente nos poros, acalma a irritação das glandulas cutaneas, dissolve as impurezas dos poros, faz desaparecer as manchas, aperta os poros dilatados, embranquece e suavisa a pele sombria e enrugada. Dá em 3 dias, uma beleza e uma frescura indescritiveis. Deve-se empregar cada manhã. Se tem rugas e os musculos do rosto moles, deve tambem empregar o creme Tokalon "Biocel„ Alimento para a Pele (Côr de rosa) á noite antes de se deitar.

Alimenta e rejuvenesce a pele durante o vosso sono.

E' garantido que este tratamento dará ao vosso rosto a sua expressão juvenil e dar-vos-ha uma nova tez esplendida, em 28 dias, senão o vosso dinheiro ser-vos-ha integralmente reembolsado.

Os Cremes Tokalon vendem-se nas perfumarias e boas casas da especialidade. Não encontrando na v/terra pode escrever ao Deposito Tokalon de Lisboa (secção D. L.) 88, rua da Assunção, que atende na volta do correio.